

# a paixão de maria madalena

margaret george

Tradução de Paulo G. Silva

*Para Rosemary,  
Irmã favorita*

Os meus agradecimentos:

*A Alison Knufman, Paul Kaufman e Mary Holmes, pela cuidadosa leitura. A Charlotte Allen e David Stevens, pelas ideias sugeridas e pelo incentivo. A Benny e Selly Geiger, Rachel e Tziki Kam e Mendel Nun, pela ajuda que me deram em Israel.*

*À Ilha de Iona, na Escócia, e ao espírito que por lá anda, pela inspiração.*

*E, como sempre, a Jacques de Spoelberch, um agente e um amigo maravilhoso.*

«Disse-lhe Pilatos: *O que é a verdade?*»

*João 18:38*

«Escrevo a história do que se passou connosco desde aquele momento em diante. Tantos virão depois de nós, e nenhum deles o terá visto, e eles deverão estar certos daquilo que vimos.»

*O Testamento de Maria de Magdala,  
conhecida por Madalena*

«Conhecereis a verdade, e a verdade libertar-vos-á.»

*Jesus, em João 8:32*



LIVRO UM

OS DEMÓNIOS



• I •

ELA FOI LEVADA PARA UM LUGAR ONDE NUNCA ESTIVERA. *Era muito mais nítido que um sonho, tinha uma profundidade, e uma cor, e detalhes delicados que o faziam parecer mais real do que quando estava com a sua mãe no quintal, mais real do que as horas de devaneio que às vezes passava a olhar para o grande lago de Magdala, tão grande que o chamavam de mar: o mar da Galileia.*

*Foi transportada para cima e colocada sobre um pilar, ou uma plataforma, não sabia precisá-lo. E à sua volta, na base onde se encontrava, havia pessoas que olhavam para ela. Virou a cabeça para o lado e viu que outros pilares também tinham pessoas em cima, que havia uma extensa fileira deles, estendendo-se até onde os seus olhos alcançavam. O céu era de uma cor amarelada, uma cor que já tinha visto uma vez, quando se levantara uma tempestade de areia. O Sol tinha-se apagado, mas ainda havia luz, uma luz dourada e difusa.*

*Então, alguém se aproximou dela — estariam a voar, seria um anjo, como teriam chegado até ali? — pegou-lhe na mão e disse: — Vens? Vens connosco?*

*Sentiu a mão segurar as suas; era lisa como uma pedra de mármore; não era fria, nem quente, nem húmida, era perfeita. Queria apertá-la, mas não ousou.*

*— Sim — disse, finalmente.*

*E, então, aquela imagem — ainda não sabia quem era, não ousava olhar para o seu rosto, apenas para os seus pés, com sandálias douradas — levantou-a para o alto e levou-a embora, e a viagem foi tão vertiginosa que ela perdeu o equilíbrio e começou a cair, a mergulhar, e estava muito escuro por baixo dela.*

• • •

SENTOU-SE COM UM SOBRESSALTO. O óleo da lamparina tinha acabado. Do lado de fora, ouvia o som delicado da água do grande lago, próximo da sua janela, a bater nas margens.

Estendeu a mão e tocou-a. Estava húmida. Teria sido por isso que aquele ser a abandonara, deixando-a cair? Esfregou a mão com força.

*Não, deixa-me secar a minha mão! Gritou, silenciosamente. Não me abandonas! Eu posso secá-la!*

*— Volta — murmurou ela.*

Mas a única resposta foi o silêncio do quarto e o barulho da água.



Precipitou-se para o quarto da sua mãe e do seu pai. Estavam a dormir profundamente; não precisavam de lamparina, dormiam às escuras.

— Mãe! — gritou, agarrando o seu ombro. — Mãe! — Sem permissão, subiu para a cama e aconchegou-se entre as mantas quentinhas, junto de sua mãe.

— O que... o que foi? — A sua mãe lutava para articular as palavras. — Maria?

— Tive um sonho tão estranho — choramingou. — Estavam a levar-me para o alto... para um céu, não sei bem para onde, só sei que não era neste mundo, havia anjos, acho eu, ou... não sei muito bem... — Parou, com a respiração ofegante. — Acho que fui... que fui chamada. Chamada para me juntar a eles, para fazer parte da sua companhia... — Mas tinha-se assustado e não teve a certeza de querer juntar-se a eles.

Então, o seu pai sentou-se na cama. — Que história é essa? — disse. — Um sonho? Sonhaste que te estavam a chamar?

— Natan — a mãe de Maria estendeu o braço para o acalmar, tocando-lhe no ombro.

— Não sei se estava a ser chamada — disse Maria, em voz baixa. — Mas tive esse sonho, com pessoas que estavam em lugares muito altos e...

— Lugares altos! — gritou o seu pai. — Isso é onde estavam os antigos ídolos pagãos. Nos lugares altos!

— Mas não eram pedestais — respondeu Maria. — Era diferente. As pessoas que estavam a ser homenageadas estavam num local acima das outras, e eram pessoas, não eram estátuas...

— E tu achas que foste chamada? — perguntou o seu pai. — Porquê?

— Perguntaram-me se me juntaria a eles. Disseram: «Vens connosco?» — Ao dizer isto, pôde ainda ouvir as doces vozes.

— Devias saber, filha, que se acabaram as profecias na nossa terra — disse o seu pai, finalmente. — Palavra alguma foi pronunciada por um profeta desde o tempo de Malaquias, e isso foi há quatrocentos anos. Há muito tempo que Deus não nos fala dessa forma. Fala-nos somente através da Lei Sagrada. E isso basta-nos.

Mas Maria sabia o que tinha visto, uma glória e um calor transcendentais. — Mas pai, — insistiu — a mensagem e o convite foram tão claros. — Disse, em voz baixa e respeitosa. Mas ainda estava a tremer.

— Minha querida filha, foi uma ilusão. Foi apenas um sonho, talvez por nos estarmos a preparar para ir a Jerusalém. Deus não te ia chamar. Agora volta para a tua cama.

Ela agarrou-se à mãe, mas esta afastou-a para o lado. — Faz como o teu pai te diz — mandou.

Maria voltou para o seu quarto, ainda envolvida pela majestade do sonho. Fora real. Ela sabia que fora real.

E, se fora real, então o seu pai estava enganado.

• • •

NAS HORAS QUE ANTECEDIAM O NASCER DO SOL, a família preparava-se para a peregrinação a Jerusalém, para a Festa das Semanas. Maria estava excitada, porque os adultos andavam ansiosos com a viagem, e porque a visita a Jerusalém era a ambição de todos os judeus. No entanto, o principal motivo do seu entusiasmo devia-se a, com sete anos de idade, nunca ter saído de Magdala e, certamente, haveria aventuras pelo caminho. O seu pai mencionara-as, de passagem, quando dissera:

— Vamos a Jerusalém pelo caminho mais curto, por Samaria, e por isso levaremos três dias de viagem, em vez de quatro. Mas é perigoso. Têm acontecido ataques contra peregrinos. — E abanou a cabeça. — Ouvei até dizer que os samaritanos ainda têm ídolos. Já não tão expostos, claro, nem ao longo da estrada, mas...

— Que tipo de ídolos? Eu nunca vi um ídolo! — quis saber Maria.

— E espero que nunca vejas!

— Mas como é que vou saber o que é um ídolo quando vir um?

— Vais saber — respondeu o seu pai. — E deves afastar-te dele!

— Mas...

— Basta!

Por enquanto Maria lembrar-se-ia disso, mas a curiosidade que antes tinha por Jerusalém desaparecera devido ao sonho ainda tão presente nela, no escuro.

Ocupada com as preparações finais para a viagem, a mãe de Maria, Zebida, interrompeu, de repente, o que fazia para encher de cereais as sacolas de viagem, e inclinou-se para a filha. Não mencionou o sonho. Mas disse:

— Bem, quanto à viagem, não deves misturar-te com as outras famílias que também vão, à excepção daquelas que eu disser que são aceitáveis. Tanta gente que não cumpre a Lei e que só quer ir a Jerusalém — e mesmo ao Templo! — como se fosse uma espécie de passeio! Mantém-te junto das famílias praticantes da fé. Entendeste? — Olhou Maria de uma maneira dura. Nesse instante, o seu belo rosto não era belo, mas proibitivo.

— Sim, mãe — disse.

— Nós seguimos a Lei com rigor e é assim que deve ser — continuou a sua mãe. Os outros... os pecadores, que cuidem de si. Não cabe a nós salvá-los dos seus pecados. Pois ao nos misturarmos com eles, seremos contaminados.

— Como misturar leite com carne? — perguntou Maria. Sabia dessa proi-

bição absoluta, tanto que qualquer coisa originária de ambos tinha de se manter separada.

— Exactamente — respondeu a mãe. — E pior ainda, pois a sua influência não desaparece depois de um ou dois dias, como a do leite e a da carne. Fica dentro de nós, a corromper e a corromper.

• • •

ESTAVAM TODOS PRONTOS. As seis famílias que iriam viajar juntas esperavam, na estrada a seguir a Magdala — com os burros carregados e de trouxa às costas — pelos grupos maiores das cidades vizinhas, que se juntariam àquelas para a viagem a Jerusalém. Maria ia montada num burro: como era a mais nova dos viajantes, não tinha resistência para caminhar longas distâncias. Talvez no regresso estivesse tão forte que nem precisasse sequer de montar. Era isso que esperava.

Começara a estação seca e Maria já sentia, no rosto, o calor do Sol. Este encontrava-se, brônzeo, sobre o mar da Galileia, de onde inicialmente nascera, por trás das montanhas. De madrugada, as montanhas do outro lado do lago tinham a cor de uvas maduras; agora, ganhavam a sua cor verdadeira, de terra e pedra. Eram nuas e, ao olhá-las, Maria achou-as maléficas. Mas talvez isso fosse porque a terra dos antigos amonitas tinha má reputação, como velhos inimigos de Israel.

O que teriam os amonitas feito de tão mau? O rei David tivera problemas com eles. Mas a verdade é que tivera problemas com toda a gente. E também havia aquele deus maldito que eles adoravam — Maria não conseguia lembrar-se do seu nome. Obrigava os amonitas a sacrificarem os seus filhos, queimando-os. Mo... Mol... Moloc. Era esse o nome dele.

Levantou a mão e pestanejou enquanto olhava para o outro lado do lago. De onde se encontrava não dava para ver nenhum templo de Moloc.

Sentiu um arrepio, mesmo sob o Sol quente. *Não vou pensar mais em Moloc*, disse, com firmeza, para si própria. O lago, brilhando ao Sol, pareceu concordar. Estava bonito de mais, com as suas águas azuis, para ser manchado pelos pensamentos de uma divindade sangrenta; Maria acreditava firmemente que deveria ser o lugar mais bonito de Israel. Dissemos o que dissemos sobre Jerusalém, como poderia alguma coisa ser mais bonita do que aquele oval reservatório de água, de um azul brilhante, cercado pelas montanhas que o protegiam?

Via os barcos de pesca, lá longe, sobre as águas; eram muitos. E era por causa do peixe que a sua cidade de Magdala era famosa — peixe que era salgado, aranjado, negociado e enviado para o mundo inteiro. O peixe de Magdala estava

presente nas mesas de Damasco e de Alexandria. E em sua casa, pois Natan, o seu pai, era exímio a arranjar o peixe que armazenava no armazém, e o seu irmão mais velho, Samuel — que, enquanto comerciante, adoptara o nome grego de Silvanus — era o gerente comercial, tratava das vendas tanto com a população local como com os estrangeiros. Portanto, aquele enorme mosaico com um peixe e um barco de pesca, que decorava o *hall* de entrada, representava a fonte de riqueza da família. Todos os dias, ao passar por ele, lembravam-se de agradecer pela sua boa sorte e pela imensidão dos peixes de Deus existentes no seu mar.

Um vento leste bateu nas águas do lago, fazendo tremer a sua superfície; ela observava as pequenas ondulações que, de facto, pareciam as cordas de uma harpa. O nome antigo, e poético, do lago era Quinerete, lago Harpa, devido ao seu formato e também devido aos desenhos do vento a bater na água. Maria quase conseguia ouvir o som agradável de cordas a serem tocadas, cantando para ela através das águas.

— Lá vêm eles! — O pai de Maria gesticulava, mostrando-lhe que devia levar o burro para junto dos outros. Na estrada empoeirada, ela via uma grande caravana a aproximar-se. Além da massa de peregrinos, viam-se um ou dois camelos ao lado dos burros.

— Devem ter celebrado o Sabat até muito tarde, ontem — disse, maliciosamente, a mãe de Maria. Estava aborrecida; o atraso na partida era um transtorno. De que servia atrasar a partida para depois do Sabat se, de qualquer maneira, se perderia meio-dia? Nunca se começava uma viagem na véspera do Sabat, ou mesmo na antevéspera, se a viagem fosse longa. A lei judaica, que proibia caminhar mais que uma milha romana no dia do Sabat, significava que se perderia um dia de viagem.

— O Sabat é uma desculpa para perder tempo — disse, em voz alta, o irmão de Maria, Silvanus. — Essa insistência no cumprimento estrito do Sabat prejudica-nos no comércio exterior; os gregos e os fenícios não descansam um único dos sete dias da semana!

— Sim, Samuel, nós sabemos das tuas simpatias pagãs — respondeu o outro irmão mais velho de Maria, Eli. — Daqui a pouco vais-te pôr a correr nu pelo ginásio, com todos os teus amigos gregos.

Silvanus — ou melhor, Samuel — lançou-lhe apenas um olhar irado. — Não tenho tempo para isso — disse, friamente. — Estou muito ocupado a ajudar o pai com os negócios. Mas tu, com todo o tempo livre para estudar as escrituras e consultar rabinos, tens certamente tempo suficiente para ir ao ginásio ou a qualquer outro lugar de diversão que desejes.

Eli irritou-se, tal como Silvanus sabia que aconteceria. O mais novo tinha

um temperamento fogoso, apesar dos seus esforços para aprender os caminhos e os porquês de Javé. Com o seu perfil delicado, o nariz aquilino e a aparência nobre, poderia passar por grego, pensou Silvanus. Ao passo que ele — quase dava uma gargalhada — parecia-se mais com aqueles estudiosos que passavam o dia curvados sobre a Tora na *beth há-Midrash*, a Casa do Saber. Javé devia ter um sentido de humor enorme.

— O estudo da Tora é a coisa mais importante que um homem pode fazer — respondeu Eli, com firmeza. — Preenche o lugar de qualquer outra actividade de natureza moral.

— Sim, e, no teu caso, exclui qualquer outra actividade que seja.

Eli resmungou e afastou-se, puxando o burro e voltando as costas para Silvanus, que se limitou a rir.

Maria já se tinha habituado a ouvir aquelas discussões, sob as mais diversas formas, entre os seus irmãos de vinte e um e dezoito anos. Nunca chegavam a conclusão alguma e nunca as aprofundavam. A sua família era profundamente religiosa e cumpria todos os rituais e obrigações; só Silvanus demonstrava impaciência para com o que o seu pai chamava «a perfeita Lei do Senhor».

Maria gostaria de poder estudar essa lei judaica na pequena escola anexa à sinagoga, a *beth ha-sefer*, e ver por si própria. Ou então roubar os conhecimentos que Silvanus adquirira ao estudar a Tora, já que não os parecia querer. Mas não era permitido às raparigas frequentarem a escola, pois não podiam ocupar funções oficiais na religião. O seu pai repetia, com firmeza, as exigências do rabino: — Seria preferível ver a Tora queimada do que ouvi-la dos lábios de uma mulher.

— Devias aprender grego, para poderes ler *A Ilíada* — sugerira uma vez Silvanus, com uma risada. Eli, naturalmente, opusera-se, explodindo. Mas Silvanus insistira: — Se é proibido a alguém conhecer a sua própria literatura e ciência, não se verá essa pessoa forçada a procurar outras?

Silvanus tinha razão; os gregos eram abertos a que outros conhecessem a sua cultura, enquanto os judeus guardavam a sua como um segredo. Cada uma das atitudes resultava de pensarem que a sua era uma cultura superior: os gregos achavam que uma pitada de cultura grega conquistaria, imediatamente, qualquer pessoa, enquanto os judeus entendiam que a sua era tão preciosa que seria profanada caso fosse oferecida a qualquer um. Isso, naturalmente, aumentava a curiosidade de Maria em relação a ambas. Iria aprender a ler, disse a si própria, e depois iria descobrir sozinha a magia e os mistérios das Sagradas Escrituras.

• • •

OS DOIS GRUPOS DE VIAJANTES ENCONTRARAM-SE NA ENCRUZILHADA da estrada, acima de Magdala — eram, agora, cerca de vinte e cinco famílias que iriam fazer a viagem. Muitos deles eram parentes, distantes ou não, e, portanto, um grande número de primos, de terceiro, quarto, quinto ou sexto graus, iriam encontrar-se e brincar juntos durante a viagem. A família de Maria viajava apenas junto das famílias que eram muito rigorosas quanto à fé. Quando se preparavam para continuar a procissão, Eli não resistiu em provocar Silvanus.

— Não entendo por que carga de água estás a fazer esta viagem — disse — uma vez que não concordas com o nosso modo de pensar. Para quê ir a Jerusalém?

Em vez de uma resposta ordinária, Silvanus, pensativo, disse:

— Por causa da história, Eli, por causa da história. Adoro cada uma das pedras de Jerusalém, porque elas contam histórias — e fazem-no com mais clareza e objectividade do que as palavras dos pergaminhos.

Eli ignorou a seriedade com que o seu irmão respondera. — É uma história que nem conhecerias, se não tivesse sido escrita nas próprias escrituras que desprezas! Não são as pedras que falam e nos contam a história, mas sim os escribas que a registam para a posteridade.

— Lamento que só dês crédito a ti próprio através dos sentimentos mais requintados — disse Silvanus, por fim. E parou, juntando-se a outro grupo; não ficaria próximo do seu irmão o resto da viagem.

Maria não sabia com qual deles ficar, portanto dirigiu-se para onde estavam os pais. Caminhavam de forma resoluta, olhando na direcção de Jerusalém. O Sol estava forte e a claridade fazia com que pestanejassem, protegendo os olhos com a mão.

Nuvens de poeira sopravam. O verde surpreendente da Primavera da Galileia começara a desaparecer, dando lugar a um tom pardo e fosco; as coloridas flores silvestres que pontilhavam as ladeiras dos morros tinham murchado e desaparecido. Até à chegada da próxima Primavera, a paisagem iria tornar-se progressivamente mais escura e aquela gloriosa explosão da natureza iria transformar-se em mera recordação. A Galileia era a região mais exuberante do país, parecendo-se a um paradisíaco jardim persa em terra de Israel.

Os galhos das árvores de fruto estavam repletos de maçãs e romãs; via-se o verde brilhante dos figos a espreitar por entre as folhas. E as pessoas colhiam-nos; os figos novos nunca permaneciam nas árvores por muito tempo.

O grupo, desajeitado, ia subindo com dificuldade até ao topo das colinas que rodeavam o lago, e Maria pôde olhá-lo uma última vez, antes que desaparecesse por completo.

Adeus, lago Harpa!, cantarolou para si própria. Não havia a angústia da des-

pedida, apenas a expectativa do que viria. Estavam a caminho, a estrada chamava-os e, em pouco tempo, as colinas e as montanhas que Maria conhecia desde a mais tenra idade desapareceriam, para dar lugar a coisas que nunca vira. Seria maravilhoso, seria como receber um presente extraordinário, como abrir uma caixa cheia de objectos novos e brilhantes.

Pouco depois chegavam à Via Maris, uma estrada mais larga e uma das principais desde os tempos da Antiguidade. E também muito movimentada: cheia de comerciantes judeus; as figuras esguias e de olhos penetrantes dos nabateus, nos seus camelos; negociantes da Babilónia, envoltos por túnicas de seda e exibindo brincos de ouro que, a Maria, lhe pareciam muito pesados. Inúmeros gregos, também, que se misturavam com os peregrinos que se dirigiam para Sul. Mas havia um tipo de viajante que todos os outros evitavam: os romanos.

Os soldados eram fáceis de reconhecer, por causa dos uniformes, dos saiotes esquisitos, com tiras de couro a cobrir as pernas peludas; mas o romano comum era mais difícil de identificar. No entanto, os adultos não tinham esse tipo de dificuldade.

— Um romano! — sussurrou o seu pai, fazendo sinal para que ela se sentasse atrás dele quando se aproximava um homem estranho. Embora a estrada estivesse cheia de gente, Maria notou que ninguém passava próximo dele. Ao passar, ele pareceu virar a cabeça na sua direcção, olhando-a com curiosidade. E ela devolveu-lhe o olhar, com o seu rosto meigo.

— Como é que o senhor sabia que era um romano? — perguntou, curiosa, ao seu pai.

— Pelo cabelo — explicou-lhe. — E por ter a barba tão bem-feita. De facto, a túnica e as sandálias poderiam pertencer a um grego ou a qualquer outro estrangeiro.

— E também pelo olhar deles — disse a sua mãe, de repente. — É o olhar de alguém que pensa possuir tudo o que vê.

• • •

CHEGARAM A UM LUGAR ONDE O TERRENO ERA PLANO, vasto e agradável. Algumas árvores, espalhadas, formavam sombras que pareciam ser frescas; o Sol, agora, estava precisamente sobre as suas cabeças. Havia montanhas isoladas, de ambos os lados da estrada: à direita, o monte Tabor, e à esquerda, o monte Moré.

Quando se aproximavam da ladeira do monte Moré, Silvanus surgiu, de repente, ao seu lado e apontou para a montanha. — Cuidado com a feiticeira! — gracejou. — A feiticeira de Endor!

Ela pareceu não compreender e ele explicou-lhe: — É a feiticeira que o rei Saul procurou para trazer de volta o espírito de Samuel. Era aqui que ela vivia. E as pessoas dizem que é um lugar assombrado. Se fores até ali, sentares-te debaixo de uma árvore e esperares... quem sabe não trarás de volta algum espírito?

— Isso é verdade? — perguntou Maria. — Diz-me a sério. — Parecia uma coisa terrível, ser-se capaz de invocar espíritos, principalmente os espíritos de pessoas mortas.

— Não sei se é realmente verdade — confessou Silvanus, sem sorrir. — Está nas escrituras, mas... — encolheu os ombros. — Também está nas escrituras que Sansão matou mil homens com o osso maxilar de um burro morto.

— Como é que eu iria saber que era um espírito? — insistiu Maria, deixando de lado a história do osso.

— Dizem que se reconhecem os espíritos pelo medo que eles inspiram — disse Silvanus. — Mas, falando a sério, se alguma vez te encontrares com um espírito, sugiro que corras na direcção oposta. A única coisa que se sabe é que são perigosos. O que eles querem é desencaminhar as pessoas, destruí-las. Acho que foi por isso que Moisés proibiu qualquer contacto com eles. — E tornou a ficar céptico. — Se é que o fez...

— Por que é que dizes essas coisas? Não acreditas que seja verdade?

Ele hesitou. — Bem... sim, acho que deve ser verdade. E se não for absolutamente verdadeiro que Moisés o tenha dito, ainda assim é uma boa ideia. A maioria das coisas que Moisés disse foram boas ideias.

Maria riu-se. — Às vezes falas realmente como um grego.

— Se parecer um grego significa pensar cuidadosamente nas coisas, então eu teria orgulho em ser rotulado como tal. — E riu-se também.

• • •

E FORAM PASSANDO POR MAIS MONTANHAS, com mais fama do que tamanho: o monte Gilboa, à esquerda, onde Saul morrera a lutar contra os filisteus; e à direita, ao longe, apenas visível no final da extensa planície, erguendo-se como uma torre, o monte Megido, onde seria travada a batalha do Juízo Final.

Pouco depois do monte Gilboa, atravessaram a fronteira com a Samaria. A Samaria! Maria agarrou-se com força à garupa do seu burro. Perigo! Perigo! Seria realmente perigoso? Olhou com atenção à sua volta, mas a paisagem era a mesma — os mesmos morros pedregosos, as planícies poeirentas e algumas árvores espalhadas. Tinham dito que havia bandidos e rebeldes que utilizavam as cavernas próximas de Magdala para se esconder, mas ela nunca os vira perto



de casa. Agora, esperava ver *alguma coisa*, pois já tinham entrado em território inimigo.

Não tiveram de esperar muito. Pouco tinham andado quando um grupo de miúdos, à beira da estrada, começou a atirar pedras, injuriando e gritando insultos nas suas vozes roucas, guturais: — Cães... Escória da Galileia... Falsificadores dos livros sagrados de Moisés... — E alguns deles cuspiam. A mãe e o pai de Maria olhavam em frente, fingindo não os ver ou ouvir, o que os irritava ainda mais.

— Vocês são surdos, é? Então oiçam só! — E começaram a soprar num chifre de carneiro, produzindo barulhos terríveis e fazendo assobios estranhos, cavernosos. O ódio parecia vibrar no ar. Mas os galileus não olhavam nem respondiam aos insultos. Maria tremia, sobre o seu burro, quando passou à distância de pouco mais de um braço de um punhado de rufiões. Depois, felizmente, foram-se distanciando, perdendo-os de vista e, em seguida, deixando de os ouvir.

— Que coisa horrível — desabafou Maria, quando conseguiu falar. — Por que é que nos odeiam tanto?

— É uma história muito antiga — disse o seu pai. — E dificilmente mudará durante as nossas vidas.

— Mas porquê? De onde vem esse ódio?

— É uma história muito comprida — disse o seu pai, com amargura.

— Eu vou contar — disse Silvanus, emparelhando o seu burro. — Conheces a história do rei David, não é verdade? E a do rei Salomão?

— Claro que sim — respondeu Maria, orgulhosamente. — Um, foi o maior guerreiro que já tivemos, e o outro, o mais sábio.

— Mas não foi sábio o suficiente para ter um filho sábio — disse Silvanus. — O seu filho fez com que os súbditos ficassem tão zangados que dez das doze tribos de Israel foram-se embora do seu reino e fundaram um outro, no Norte. Escolheram um general para ser o seu rei, Jeroboão.

Jeroboão. Ela já ouvira falar dele, e o que quer que fosse, não tinha sido coisa boa.

— Como o povo do Norte já não podia ir ao Templo, em Jerusalém, Jeroboão mandou construir novos altares, com bezerros de ouro para serem adorados. Deus não gostou e puniu-o enviando os assírios para destruir o seu país e fazer deles prisioneiros. E foi esse o fim de dez das tribos de Israel. Desapareceram na Assíria e jamais voltaram. Adeus Ruben, adeus Simeão, adeus Dan e Aser...

— Mas agora a Samaria não está vazia — disse Maria. — Quem são aquelas pessoas mal-educadas que gritavam connosco?

— Os assírios trouxeram pagãos para colonizar estas terras! — gritou Eli, que

ouvia a conversa. — Juntaram-se aos poucos judeus que tinham ficado para trás e deram origem a essa horrível mistura da fé pura de Moisés com o paganismo. Uma coisa terrível! — Contorceu o rosto com repugnância. — E não digas que eles não tiveram escolha!

Maria encolheu-se. Não pretendia dizer isso.

— Toda a gente tem escolha! — continuou Eli. — Alguns dos membros das dez tribos eram fiéis a Jerusalém. Por isso não foram punidos nem enviados para a Assíria. Foi o que a nossa família fez. Nós éramos — e somos! — da tribo de Neftali. Mas fomos sempre fiéis! — Tinha levantado o tom de voz e parecia furioso. — E devemos continuar a ser fiéis!

— Sim, Eli — respondeu Maria, submissamente. E questionava-se como se faria isso.

— Ali, ao longe — apontou em direcção ao Sul — no monte Gerizim, eles praticam rituais heréticos!

Ele ainda não respondera à sua pergunta, por isso ela reformulou-a. — Mas porque é que eles *nos* odeiam?

Silvanus inclinou a cabeça na direcção do irmão. — Porque nós os *odiamos* e o demonstramos.

• • •

O RESTO DO DIA FOI TRANQUILO. Quando passavam pelos campos ou pelos vilarejos, pessoas juntavam-se e olhavam-nos, mas não gritavam com eles nem os perturbavam.

O Sol passou para o lado esquerdo de Maria e começou a descer para o horizonte. As minúsculas sombras sob as árvores, modestas ao meio-dia, projectavam-se agora muito para lá dos troncos, como séquitos de príncipes.

À frente, a caravana começou a diminuir o passo, procurando um lugar para acampar durante a noite. Precisavam de claridade suficiente para garantir a segurança do lugar e, certamente, haveria dificuldades em relação à água.

Os poços representavam sempre problemas: em primeiro lugar, tinha de se encontrar um que desse para toda a gente e, além disso, havia a possível hostilidade por parte dos donos do poço. Já tinham morrido pessoas em disputa por um poço. Dificilmente os samaritanos diriam aos viajantes que eles eram bem-vindos aos seus poços, lhes ofereceriam baldes, acrescentando: «Bebam à vontade e dêem água também aos vossos animais.»

Os líderes do grupo escolheram uma área ampla, plana, próximo da estrada, com vários poços. O lugar era ideal — desde que fossem deixados em

paz. Por enquanto, havia pouca gente por perto e os galileus ergueram as suas tendas sem problemas, deram água aos animais de carga e usaram-na para si próprios. Depois de se terem estabelecido, foram colocadas sentinelas nos limites do acampamento.

A fogueira crepitava, tal como Maria gostava. Significava que o fogo tinha uma personalidade e queria falar com eles. Pelo menos, ela sempre assim o pensara. A tenda, feita de pele de cabra, era grande o bastante para toda a família, tal como ela também gostava. Era bom estar sentada em volta do fogo, saber que estavam todos no mesmo círculo.

Agora, olhando para cada um — para o seu irmão Eli, tão bonito, e para o seu outro irmão, Silvanus, não tão bonito mas fascinante — sentiu de repente o receio de que no próximo ano, por volta desta altura, um deles já estivesse casado, e que talvez até já tivesse um filho, e que não continuasse na tenda da família, mas numa tenda sua. Não gostava da ideia. Queria que tudo continuasse como era agora, com todos eles juntos, sempre e para sempre, protegendo-se uns aos outros. A pequena família, esse pequeno círculo, tão forte e reconfortante, deveria permanecer para sempre. E, ao refrescante entardecer da Primavera samaritana, parecia que isso podia ser verdade.

• • •

A NOITE JÁ IA ALTA. Maria adormecera há já bastante tempo, com um cobertor grosso debaixo dela e o seu capote cobrindo-a. No lado de fora da tenda, as brasas de um pequeno fogo de atalaia moviam-se lenta e gentilmente, já fracas, como o respirar de um dragão. Então, de repente, ela acordou; acordou de uma maneira estranha, como se tivesse tido um sonho aflitivo. Devagar, levantou a cabeça e olhou em volta; estava tudo pouco nítido, a luz era fraca, mas ela ouvia a respiração próxima dos outros. O seu coração batia rápido, mas não se lembrava de ter tido um pesadelo. Por que estaria tão excitada?

*Volta a dormir, disse a si própria. Volta a dormir. Vê, lá fora ainda está totalmente escuro. Ainda se consegue ver as estrelas todas.*

Mas ela estava bem acordada e excitada. Mexeu-se, tentando encontrar uma posição confortável, virou-se no cobertor e ajeitou os enchumaços que lhe serviam de almofada. Quando tentava ajeitar o cobertor, as suas mãos sentiram qualquer coisa, mesmo ao lado da almofada. Era meio pontiaguda. Curiosa, apalpou-a e não parecia ser uma pedra: era alguma coisa mais pequena, mais fina, mas não era uma ponta de flecha nem uma foiezinha, nem nada de metal. Esgratou um pouco com os dedos e pôde sentir-lhe as arestas. Mais ansiosa,

pegou no lado duro da tira de couro da sua sandália e usou-a como espátula, para desenterrar o objecto. Quando acabou por o conseguir, reparou que tinha algo gravado. Era também pálido e demasiado leve para ser uma pedra. Segurou o objecto, virando-o de um lado e do outro, mas não descobriu do que se tratava. Teria de esperar até ao raiar do dia.

E então, de repente, quase por milagre, adormeceu.

• • •

A LUZ DO DIA INUNDOU O LADO ORIENTAL DO CÉU e Maria acordou a pestanejar. A sua família já estava de pé e movimentava-se, dobrando as mantas e começando a desarmar a tenda. Sentia-se meio atordoada, como se não tivesse dormido. E quando empurrou o capote que a cobria, sentiu o objecto que segurava na mão. Confusa, num primeiro momento, segurou-o e examinou-o.

Tinha ainda uma ligeira camada de terra, como um véu que esconde a nudez de uma bela mulher; mas, brilhando através do seu aspecto fosco, havia um rosto, um rosto de rara beleza.

Um ídolo!

Exactamente como dissera o seu pai: ela sabia-o, mesmo sem nunca ter visto um.

— E deves afastar-te dele! — tinha dito também.

Em vez disso, ela não conseguia tirar os olhos dele. O objecto atraía-a, obrigando-a a olhá-lo. Os olhos sonhadores, semiabertos; os lábios sensuais, com um sorriso que era uma curva; o cabelo espesso, puxado para trás, revelando um pescoço fino como um ceptro de marfim...

Marfim. Sim, era disso que aquele... ídolo... era feito. Era amarelado e tinha, inclusive, algumas manchas castanhas, mas era de marfim, de uma cor creme quase translúcida. Por isso é que era leve e delicado e não era pontiagudo nas extremidades.

— Quem és tu? — perguntou Maria, olhando nos seus olhos. — Há quanto tempo estavas enterrado ali?

O seu pai veio em busca dos alforges, que estavam ao seu lado e, rapidamente, ela escondeu o objecto sob o cobertor.

— Está na hora de partir — disse ele, bruscamente, abaixando-se. Maria reabri os olhos, fingindo que acabara de acordar.

Caminhando lentamente ao lado do burro — agora era a sua mãe que o montava — Maria tacteava a sua nova posse, que tinha enfiado na longa tira de pano que lhe servia de cinto. Sabia que o devia ter mostrado logo ao pai, mas não quis

fazê-lo. Queria guardá-lo. Sabia que ele a obrigaria a atirá-lo fora e, provavelmente, com uma praga.

Maria queria protegê-lo.

• • •

POR VOLTA DO MEIO-DIA, quando o Sol estava mais quente, tiveram de seguir por um desvio para não passarem por um poço guardado por samaritanos. Novamente, repetiram-se as ameaças e zombarias que os peregrinos tentaram ignorar. Foi bom terem podido servir-se dos poços onde tinham acampado. Ficariam somente mais uma noite na Samaria; teriam de encontrar somente mais alguns poços para acampar.

— E pensar que foram os nossos antepassados que cavaram estes poços, e agora nem temos o direito de beber deles! — queixou-se Eli. — Por toda esta terra fora existem poços que, na verdade, deviam pertencer-nos!

— Paz, Eli — disse Natan. — Talvez algum dia tudo isso volte para os seus donos legítimos. Ou talvez os samaritanos voltem para a verdadeira religião.

Eli olhava em volta, com repugnância. — Não conheço escritura alguma que profetize isso.

— Deve estar lá algures — disse Silvanus, que nessa manhã ficara próximo da família. — Tudo parece estar lá. Possuem uma riqueza de promessas, desde o Messias até à questão dos poços. O problema é saber interpretá-las. Parece que Javé não quis que as suas mensagens fossem facilmente compreendidas pelos seus seguidores.

Eli, sisudo, preparava-se para responder quando, de repente, ocorreu uma comoção, lá à frente, e a caravana parou. Natan deixou o grupo e correu para lá. Mas a notícia espalhou-se pelo grupo muito antes que Natan chegasse à frente da caravana.

— Ídolos! Um esconderijo de ídolos!

Rapidamente, a caravana transformara-se numa massa única e todos corriam para a frente, para ver os ídolos. O clima era de excitação — quem, de entre eles, teria realmente *visto* um ídolo dos antigos? Havia os modernos ídolos romanos, naturalmente, embora mesmo esses estivessem confinados a cidades como Séforis, na Galileia, que poucas das pessoas da caravana teriam ousado visitar.

Mas ídolos *antigos*! Aqueles ídolos lendários que os profetas amaldiçoavam e que tinham levado à ruína e ao exílio dos dois reinos: o do norte de Israel e o de Judá. Até os seus nomes eram pronunciados com uma espécie de medo: Baal. Astarte. Moloc. Dagon. Merodac. Baal-Berit.

Um rabino de Betsaida estava em pé à beira da estrada, perto de umas camadas rochosas com uma pequena abertura, onde dois dos seus assistentes escavavam e retiravam objectos embrulhados. Uma fila deles encontrava-se já pelo chão, jazendo como guerreiros mortos.

— A marca era perfeitamente visível! — gritava o rabino, apontando a rocha que cobria a entrada da gruta.

*Porque é que ele acha que tem o direito de a abrir?*, perguntava-se Maria.

— Eu sabia que era coisa do mal! — gritou o rabino, como se respondesse à pergunta silenciosa de Maria. — Devem ter sido escondidos há muito tempo, na esperança de que os seus donos voltassem para os recuperar, restaurar e recolocá-los em locais altos, ou onde quer que fosse, para serem adorados. Mas talvez tenham morrido na Assíria, o que foi justo. Desembrulhem-nos! — gritou para os seus assistentes. — Desembrulhem-nos, para que os possamos partir e destruir! Que horror! Ídolos! Todas as abominações devem ser destruídas!

As ligaduras de pano amareladas tinham-se deteriorado de tal forma que era difícil desenrolá-las, e o rabino ordenou que as cortassem com facas. Surgiram figuras de cerâmica, rústicas, com olhos protuberantes, e braços e pernas que pareciam de pau.

Maria apertou com firmeza o tesouro que escondera no seu cinto. O seu não era feio como aqueles, era lindo.

Quando o rabino começou a partir as figuras com um porrete, Maria chegou a pensar se também deveria atirar o seu para junto dos outros. Mas a ideia daquele belo rosto a ser destruído era dolorosa. E ficou a olhar para os ídolos, abandonados àquela chuva de cacos. Um pedaço de um braço minúsculo pousou na sua manga, e ela pegou nele e examinou-o. Parecia um pequeno osso de galinha. Parecia até ter garras.

Sem pensar, enfiou-o também no seu cinto.

— Quem achas que eram? — perguntou Silvanus, de repente. — Talvez fossem deuses dos cananeus. Podiam ser qualquer coisa. — Uma chuva de pedaços de ídolos caiu sobre eles. — Bem, o que quer que fossem, deixaram de ser. Desapareceram para sempre.

*Mas um deus podia desaparecer para sempre? Um deus podia ser destruído?*, perguntava-se Maria.

— Ai daquele que diz à madeira: «Acorda!» E à tosca pedra: «Desperta!» — gritava o rabino, golpeando os ídolos, uma última vez, com o seu porrete. — Como pode uma coisa destas proferir oráculos? Estão a ver? É revestido a ouro e prata, mas não existe vida dentro dele. — Fez uma pausa, abanando a cabeça em sinal de satisfação. Depois, apontou em direcção a Jerusalém e, com uma voz de júbilo,

citou os versos do profeta Habacuc: — O Senhor, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra! — Ergueu o seu cajado. — Amanhã, meus amigos! Amanhã veremos o Templo sagrado! Abençoado seja o único e eterno EU SOU!

E cuspiu no que restava dos ídolos.

• 2 •

MAIS UM PÔR-DO-SOL, mais um acampamento antes de Jerusalém. Enquanto montavam as suas tendas, Maria percebia a excitação dos adultos, agora que se aproximavam da cidade.

Desta vez, o chão sob as mantas em que Maria se deitou era firme e liso, mostrando que nada havia por baixo. Maria sentiu-se um pouco decepcionada, como se esperasse encontrar algo de exótico e proibido a cada paragem que faziam naquela terra estranha. Cuidadosamente, desatou o seu cinto onde estava a figura gravada e guardou-a, envolta, próximo da cabeça. Não iria arriscar levá-la lá para fora, onde havia tanta gente. E também guardou o pobre braço do deus mutilado. Mas ela estava consciente deles o tempo todo, como se a chamassem, a atraíssem.

Lutando contra o sono, perguntava-se o que encontrariam no Templo. Em torno da fogueira, quando comiam, Eli disse: — Imagino que a caravana inteira será revistada, só por sermos galileus.

— Sim, e provavelmente também haverá mais guardas no Templo — acrescentou Natan. — Muitos guardas.

Dizia-se que havia ocorrido algum tipo de problema, causado por um rebelde da Galileia.

— Judas, o galileu, e o seu bando de bandidos! — disse Silvanus. — Onde é que pensava que poderia chegar com aquela revolta? Estamos sob o controlo dos romanos e, se eles decidem cobrar impostos, nada podemos fazer. Essa patética resistência, só faz com que as coisas piorem para nós, os que sobram.

— Mas... — Eli demorou um pouco, mastigando, enquanto terminava o seu pensamento. — Às vezes um sentimento de desespero e abandono pode dominar um homem e fazê-lo sentir necessidade de agir, mesmo que essa acção seja fútil.

— Mas podes ter a certeza de que a festa em Jerusalém será tranquila — disse Silvanus. — Os romanos cuidarão disso. — Fez uma pausa. — Ficas todo contente por saberes que temos o nosso jovem e querido rei, Herodes Antipas, a cuidar de nós, lá na Galileia, não ficas?

Eli resmungou.

— Bem, pelo menos ele é judeu — disse Silvanus, mas num tom que Maria percebia que ele queria dizer o contrário.

— Uma imitação bastante pobre, como o foi o pai dele! — disse Eli, respondendo à provocação. — Filho de uma samaritana e de um pai idumeu! Descendente de Esaú! E pensar que temos de fingir que...

— Silêncio! — advertiu Natan. — Não falem dessas coisas tão alto fora de casa. — Depois, riu, tentando brincar. — E como podes dizer que o pai dele não foi um bom judeu? Não construiu aquele belo templo?

— Não era necessário — respondeu Eli. — Bastava o templo original.

— Para Deus, talvez — concordou Natan. — Mas as pessoas querem lugares em que os seus deuses estejam como estão os seus reis. Deus quer sempre mais, ou menos, do que lhe oferecemos.

Seguiu-se um silêncio profundo, pois o súbito comentário atingiu ambos os irmãos com a sua verdade.

Rompendo o silêncio, Eli disse: — Maria, conta-nos como é a Festa das Semanas. Afinal, é isso que vamos comemorar.

Ser o centro das atenções pôs Maria na defensiva. Qualquer outro poderia responder melhor à questão do que ela. — É... é uma das três grandes datas que o nosso povo comemora — disse.

— Mas o que é? — insistiu Eli, como se fosse um examinador.

E, na verdade, o que era, exactamente? Havia uma história dos cereais estarem maduros e de tantos dias depois da Páscoa dos Judeus...

— É cinquenta dias depois da Páscoa — disse Maria, tentando lembrar-se. — Também tem alguma relação com os cereais estarem maduros.

— Que tipo de cereais?

— Pára com isso, Eli! — disse Silvanus. — Nem tu sabias isso quando tinhas sete anos.

— É cevada... ou trigo, acho eu — tentou Maria.

— Trigo! É a primeira colheita de trigo, que oferecemos a Deus — disse Eli. — A história é essa. As oferendas são depositadas no Templo.

— E o que é que ele faz com elas? — perguntou Maria, imaginando que Deus desencadearia um fogo imenso que queimaria todas as oferendas.

— Depois do ritual, são devolvidas aos fiéis.

Mas que decepção... Então, faziam uma viagem longa como aquela só para dar os cereais de presente e depois levam-nos de volta, sem que tivessem tido uso?

— Compreendo — disse, por fim. — Mas nós não plantamos trigo — enfatizou. — Será que não deveríamos ter trazido peixe? Aquele peixe que nós arranjamos?



— É só simbólico — encurtou Eli.

Talvez fosse melhor se falássemos sobre o Templo — disse Silvanus. — É mais simples.

E então, enquanto o Sol se punha por trás dos seus ombros, discutiram o Templo. A sua importância para o povo judeu. Ser aquele o terceiro Templo construído, já que os dois anteriores tinham sido destruídos. Na realidade, era tão importante que fora a primeira coisa que os exilados tinham reconstruído, ao voltarem da Babilónia, há quinhentos anos.

— Nós somos o Templo e o Templo é o nosso povo — disse Natan. — Não podemos existir, como um povo, sem o Templo.

Que ideia assustadora: os judeus só podem existir se o prédio estiver construído. Maria sentiu um arrepio. E se fosse destruído? Mas isso não iria acontecer. Deus não o permitiria.

— Hiram, um ancestral nosso, trabalhou na construção do Templo de Salomão — disse Natan. Procurou por alguma coisa no seu pescoço e puxou por um fio com uma pequena romã de latão. — Isto foi o que ele fez — disse, passando-a a Silvanus, que a examinou, pensativo, antes de passá-la a Eli.

— Fez muitas coisas mais, coisas grandes: pilares de bronze e capitéis, fundidos em enormes moldes de cerâmica; mas isto foi o que fez para a sua mulher. Há mil anos. E nós guardamo-lo e passamo-lo entre nós, desde então. Até o levámos para a Babilónia, mas trouxemo-lo de volta.

Quando chegou a Maria, ela segurou-a com reverência. Só pelo tempo que tinha, parecia imensamente sagrada.

*O tetravô de meu tetravô fez isto, com as suas próprias mãos, pensou. As suas mãos, que agora são pó, fizeram isto.*

Segurou-a, fazendo-a rodar, devagar, sob a correia. A luz do entardecer brincava na sua superfície, na parte arredondada do fruto e nas quatro saliências, em forquilha, nos vértices, representando o pedúnculo. Ele captara a forma da romã, fundida de forma perfeita, simétrica e ideal.

Sem ousar sequer respirar na sua presença, devolveu-a a seu pai, que a colocou-o ao pescoço, puxando-a para baixo outra vez.

— Portanto, como vocês podem ver, a nossa romaria não é uma coisa à toa — disse, finalmente, acariciando, sob a sua roupa, o lugar onde ficava o talismã. — Nós fazêmo-la em nome de Hiram e dos últimos mil anos.

• • •

CEDO, AO AMANHECER, as tendas já estavam a ser desarmadas, os animais a ser

carregados e as mães chamavam pelos filhos. Quando Maria acordou, teve a estranha impressão de já ter estado no Templo e de se lembrar das fileiras de estátuas de deusas... num bosque de árvores bem altas, cujos picos, verde-escuros, balançavam ao vento. O Templo chamava-a, mas também a chamava o sopro de vento do bosque de ciprestes.

Levantaram-se e, em pouco tempo, já estavam a caminho. A caravana inteira parecia mover-se com mais energia, como se tivessem acabado de começar a viagem e não estivessem a caminhar há três dias. A magia de Jerusalém atraía-os.

No final da tarde, já tinham chegado ao topo de uma das colinas que cercavam a cidade. A caravana inteira parou para olhar. Lá em baixo, na sua pedra trigueira e dourada, espalhava-se Jerusalém. Dentro dos seus muros, a cidade subia e descia, de acordo com os níveis do terreno. Aqui e ali, uns pontos brancos, que eram palácios de mármore entre os prédios de calcário; e, erguido sobre um planalto, em esplendor dourado e branco, encontrava-se o Templo com os seus jardins.

Ficaram todos mudos, em silêncio. Maria olhava, boquiaberta, demasiado jovem para sentir a agitação que a fé religiosa provocava nos mais velhos, e via só a pureza branca do Templo, e a luz dourada que parecia diferente de qualquer outra que ela vira, descendo do céu, com as suas mãos compridas, para tocar a cidade.

Outros grupos juntaram-se nas colinas. Várias carruagens ornamentadas, contendo as oferendas simbólicas dos frutos das primeiras colheitas vindos das cidades cujos moradores não podiam vir nesse ano, também se aproximaram do aglomerado. As carruagens tinham sido carregadas de acordo com a tradição: a cevada no fundo, depois o trigo e as tâmaras, depois as romãs, os figos e as azeitonas e, por cima de tudo, as uvas. Logo estariam a passar, retumbantes, pelas ruas de Jerusalém, e seriam apresentadas aos religiosos.

— Vamos cantar! Vamos cantar! — gritou alguém. — Vamos cantar com júbilo, por nos ter sido permitido vir até Deus e ao seu Templo!

E, de imediato, cerca de mil vozes começaram a cantar os Salmos, que tão bem conheciam, celebrando a ascensão a Jerusalém.

*Pararam os nossos pés junto às suas portas, ó Jerusalém!*

*Para onde sobem as tribos, as tribos do Senhor,  
como convém a Israel.*

*Orai pela paz de Jerusalém!*

*Sejam prósperos os que te amam.*

*Reine a paz dentro dos teus muros  
e a prosperidade nos teus palácios.*

Agitando ramos de palmeira, desceram ansiosamente a última colina, para convergir em Jerusalém. Os muros e a porta por onde entrariam já se viam, lá à frente.

O tumulto aumentava à medida que os grupos se aproximavam da cidade, e as suas fileiras intumesciam ao juntarem-se. Era uma massa de gente feliz e alegre, impelida por uma combinação de temor e fé religiosos. Mais à frente, outras carruagens desciam as ladeiras, aos solavancos, e as canções de outros peregrinos enchiam o ar, com o bater dos címbalos e dos tamborins. A grande porta do lado norte estava aberta; uma multidão de mendigos e leprosos lamentava-se, pedindo esmolas, e quase foram esmagados pela multidão que chegava.

Maria viu alguns soldados romanos a cavalo, olhando atentos para o caso de se dar qualquer problema. Os seus capacetes, com um penacho, pareciam ameaçadores contra o céu azul.

Os viajantes diminuíram o ritmo, quase para o passo de tartaruga, ao chegarem à porta; a mãe de Maria segurou-a junto de si, devido à pressão exercida pela multidão à sua volta; de repente, todos se sentiram apertados, mas depois conseguiram atravessar a porta e entrar na cidade de Jerusalém. Mas não havia tempo para parar e admirar as coisas; a massa que vinha atrás empurrava toda a gente para a frente.

— Ah! — exclamavam as pessoas à sua volta, em sinal de admiração.

• • •

À NOITE, ACAMPARAM FORA DOS MUROS DA CIDADE, assim como os outros milhares de peregrinos, estendendo-se à sua volta como se fossem uma segunda muralha. Era o que acontecia por ocasião das grandes festas; às vezes, meio milhão de peregrinos convergia para a cidade que, naturalmente, não os podia alojar. E, assim, uma segunda Jerusalém espalhava-se em torno da cidade.

Gargalhadas, canções e vozes animadas chegavam de outras tendas e fogueiras, as pessoas visitavam-se umas às outras, procurando parentes e amigos de outros vilarejos. E os judeus estrangeiros, que tinham viajado grandes distâncias para rezar no Templo, distinguiam-se devido às suas estranhas tendas: tinham cúpulas, pavilhões de seda e as entradas eram ornamentadas. Embora alguns deles vivessem longe das suas terras ancestrais há mais de dez gerações, ainda consideravam o Templo o seu lar espiritual.

Maria fechou os olhos, tentando dormir. Mas era difícil, com a algazarra da festa à sua volta.

Em vez de Jerusalém, tornou a sonhar com o misterioso bosque de árvores com estátuas. O branco das estátuas, nas suas bases de mármore visíveis ao luar do seu sonho, parecia flutuar como a espuma das ondas do oceano. O sussurro das árvores, a glória do mármore iluminado pelo luar e as promessas de segredos perdidos rodopiavam, como um turbilhão, no seu sonho.

• • •

LEVANTARAM-SE QUANDO AINDA ESTAVA ESCURO e começaram a preparar-se para entrar de novo na cidade, desta vez para cumprir os rituais da festa. Maria estava tão curiosa para ver o Templo, que tremia.

Hoje, no dia da festa, a multidão era ainda maior do que na véspera. Rios de pessoas obstruíam as ruas, pressionando de tal forma as paredes das casas que quase parecia que estas não resistiriam aos empurrões. Alguns dos peregrinos eram bastante curiosos: os que vinham da Frigia, a suar sob os seus pesados capotes de pele de cabra; outros, os da Pérsia, com roupas de seda e brocados de ouro; os fenícios, com as suas túnicas e calças listradas; os babilónios, com os seus mantos pretos, sombrios. Embora todos se empurrassem uns aos outros, ansiosamente, na direcção do Templo, pareciam menos piedosos que vorazes, como se ali houvesse algo que estavam prontos a devorar.

Ao mesmo tempo, os barulhos da cidade começavam a fundir-se numa zoadada. Os berros dos vendedores de água — certos de que fariam bom negócio — os cânticos dos peregrinos, a gritaria dos mercadores que esperavam vender bijutarias e véus e, acima de tudo, os balidos dos rebanhos de ovelhas a serem levadas ao Templo, para sacrifício, tudo isso ressoava como um estrondo doloroso. De algum lugar, bem ao longe, ouviram-se explodir as trombetas de prata do Templo, anunciando a celebração.

— Fica perto de nós! — advertira o pai de Maria. A sua mãe pegara na sua mão e puxara-a para perto de si. Quase entrelaçadas, arrastaram-se pelas ruas, passando pela enorme fortaleza romana a que chamavam Antonia, que vigiava — e fazia o papel de cão de guarda — o Templo e as suas instalações. Fileiras de soldados romanos, de pé nos degraus, em uniforme de gala e de lanças em punho, observavam, impassíveis, a multidão que passava.

Para o exército romano, a festa significava um alerta máximo, a fim de dispersar quaisquer distúrbios ou tentativas isoladas de provocar uma revolta por parte de algum candidato a Messias. As principais regiões da Judeia, da Samaria e da Idumeia estavam sob o controlo directo dos romanos. O que incluía Jerusalém, o maior dos prémios. O procurador romano, que normalmente residia na cidade de

Cesareia, no litoral, deslocava-se relutantemente a Jerusalém durante as grandes festas dos peregrinos.

Assim, o Templo era guardado por uma fortaleza de soldados romanos, pagãos que menosprezavam o lugar sagrado.

A família de Maria foi carregada pela corrente humana de peregrinos, que agora se movia mais rapidamente, voando em direcção ao próprio Templo. Erguido em direcção ao céu, o mais sagrado dos locais do judaísmo convocava todos os seus fiéis. Um enorme muro de mármore branco envolvia os prédios propriamente ditos e a plataforma; na luz da manhã, era um reflexo deslumbrante. O parapeito de um dos vértices era considerado o lugar mais alto de toda a Jerusalém.

— Por aqui! — gritou Eli, puxando as rédeas do burro. E foram todos arrastados pela grande escadaria que os elevaria ao nível do Templo.

E, em seguida, para dentro das instalações do Templo sagrado, o local iluminado.

...

O ESPAÇO PLANO ERA ENORME. E teria parecido ainda maior se não estivesse repleto de peregrinos. Herodes, o *Grande*, havia duplicado a sua área original, construindo um muro grande, em extensão, como se isso duplicasse a glória do lugar — bem como o seu nome. Mas não alterou as dimensões do Templo propriamente dito, que abrigava o que Salomão denominara de Sagrado dos Sagrados, que parecia pequeno, comparado à ampla plataforma de Herodes.

Herodes não poupou nas decorações — o edifício era uma jóia em excessos arquitectónicos. Enormes espigões dourados projectavam-se do tecto, reflectindo a luz do Sol. O edifício, sumptuoso, fora erguido acima do nível do terreno, e os fiéis deviam subir uma escadaria para alcançá-lo. A grande Corte dos Gentios, no exterior, não permitia a entrada a ninguém. Seguia-se uma área exclusiva para judeus. A divisória seguinte não permitia a entrada de mulheres, de maneira que somente israelitas do sexo masculino podiam entrar. E, por fim, somente os sacerdotes tinham permissão de acesso ao altar e aos locais de sacrifício. Quanto ao santuário, era proibido a todos os sacerdotes, excepto aos escolhidos para celebrar os cultos da semana; o Santo dos Santos só podia ser visitado uma vez por ano, pelo Sumo Sacerdote. Caso fosse necessária alguma reforma, os trabalhadores desciam, suspensos numa gaiola que os impedia de ver qualquer coisa dentro do Santo dos Santos. O Santo dos Santos: o vazio e a solidão onde residia o espírito de Deus, uma câmara fechada no coração do Templo, onde não entrava luz, sem janelas, e decorado por uma cortina espessa.

Mas tudo o que Maria conseguia ver era a imensidão do lugar e um mar de gente a fervilhar à sua volta. Enormes rebanhos de animais para sacrificar — gado, cabras, ovelhas — baliavam e berravam num dos cantos, enquanto os trinadoes que se ouviam das gaiolas de passarinhos que iam para o sacrifício davam um toque de doçura que se sobrepunha à balbúrdia geral. Mercadores gritavam dos pórticos cobertos, situados em cada extremidade da plataforma, gesticulando e tentando atrair fregueses.

— Trocamos dinheiro! Trocamos dinheiro! — gritava um deles. — Moedas não autorizadas não podem entrar no Templo! Câmbio aqui! Câmbio aqui!

— Amaldiçoado seja aquele que trouxer dinheiro proibido! A minha cotação é a melhor! — berrava outro.

— Calem-se! — resmungou Eli, pondo as mãos nos ouvidos. — Será que não podem calar-se? Estão a profanar o lugar!

Ao aproximarem-se do portão, Maria viu cartazes, em grego e latim, colocados a intervalos regulares ao longo da entrada. Ah, se soubesse ler! Deu um puxão no casaco de Silvanus, perguntando-lhe o que diziam os cartazes.

— Todo aquele que for preso será morto, e somente ele será responsável pela sua morte — disse Silvanus. — É rigorosamente proibido aos que não são judeus passarem por este portão.

E será que alguém foi morto por tentar fazê-lo? A pena de morte parecia-lhe excessiva para a curiosidade.

— Gostaríamos de pensar que Deus fosse mais... iluminado que alguns dos seus fiéis — disse Silvanus, como se lesse os seus pensamentos. — Imagino que, para Deus, qualquer pagão curioso seria bem-vindo, pois descobriria outra forma de religião, mas os seus sacerdotes não pensam dessa forma. — Silvanus pegou-lhe a mão, para mantê-la junto de si na multidão comprimida. — Vamos lá.

Passaram, sem ser incomodados, por uma enorme porta de bronze que dava para um pátio murado que, como o exterior, tinha vários pórticos e outras estruturas construídas nos cantos. Mas Maria não reparava nisso — só olhava para o Templo, no alto de uma série de degraus a seguir ao pátio.

Grande e imponente se elevava o maior edifício que ela já vira ou imaginara. O mármore branco, reflectindo a luz do Sol da manhã, brilhava como neve, e os seus batentes, com frisos de ouro acima das suas imensas portas, pareciam os portões de entrada para outro mundo. Projectava poder e apregoava que o Senhor Todo-Poderoso, Rei dos Reis, era muito mais formidável que qualquer soberano terreno, que qualquer rei da Babilónia, da Pérsia ou da Assíria. E, na realidade, era o que parecia: um imenso palácio para um rei oriental.

Contemplando-o, vinham-lhe à cabeça as histórias e canções de como Deus

esmagava os seus inimigos. Ali, à sua frente, fiéis apavorados doavam os despojos que tinham obtido desse rei terrível — era assim que entendia o sacrifício de animais, as oferendas e as nuvens de incenso. Significavam medo.

Quem entrasse na sala errada, podia ser morto. Quem usasse moedas proibidas, podia ser punido. E para quem ousasse aventurar-se a entrar no santuário propriamente dito, a punição era superior à da própria morte.

Ela queria encontrar no seu Deus amor, orgulho e adoração, mas, em vez disso, o que havia era medo.

Um grupo grande de sacerdotes levíticos, vestindo paramentos imaculados, encontrava-se nos degraus que separavam o Pátio das Mulheres do Pátio dos Israelitas e do Pátio dos Sacerdotes. Cantavam belíssimos hinos, acompanhados por flautas, e, além das suas belas vozes, profundas, ouviam-se as vozes doces das crianças, a quem também era permitido cantar.

Outros sacerdotes recebiam as oferendas e conduziam aos altares, por rampas, os animais a serem sacrificados. Cestas com cereais, dispostas em prateleiras, eram «apresentadas» ao Senhor numa cerimónia especial. Por trás das cabeças dos sacerdotes, Maria via, a subir do altar, o fumo das oferendas a serem queimadas. O cheiro forte do incenso misturava-se — não o iluminando — com o cheiro da carne e da gordura queimada.

Quando foi a vez das oferendas do seu grupo de galileus (seis cordeiros machos, dois bodes, um touro, uma cesta de frutas e dois pães feitos com o trigo da nova safra), Maria pensou em mandar, sub-repticiamente, o ídolo com o rosto de marfim. Livrar-se dele — agora. Seria sacrilégio tê-lo trazido até ali? Parecia que a queimava, sob as camadas de pano em que o tinha escondido. Mas isso, naturalmente, era sua imaginação.

*Se o entregar, nunca mais o terei de volta, pensou. Irá embora para sempre. E talvez fosse um insulto a Deus se o misturasse às outras oferendas. Vou colocá-lo no bolso e, quando chegar a casa, tornarei a olhar para ele, para me lembrar. Depois vou atirá-lo fora antes que o meu pai o veja e me castigue.*

• • •

À SAÍDA, PELO PORTÃO PRINCIPAL, Maria e a sua família tornaram a passar pela Corte dos Gentios. Era tudo tão grande, tão fora do comum, que dava vertigens. Lembrou-se das histórias que o seu pai contava durante a celebração do Sabat.

— Se eu entrasse no Templo, será que veria a Arca da Aliança e as tábuas dos Dez Mandamentos? — perguntou Maria a Silvanus. — E aquela jarra em que é preservado o maná? — Arrepiava-se ao pensar nessas coisas tão antigas.

— Não irias ver nada! — disse Silvanus, asperamente. Raramente Maria tinha ouvido Silvanus falar naquele tom de voz. — Não há nada. Foi-se tudo quando o Templo de Salomão foi destruído pelos babilônios. Há, é claro, a lenda de que a Arca foi enterrada algures. Claro. Queremos continuar a acreditar que não perdemos nada, não realmente, nem para sempre. — Tinha o rosto triste, no meio de todos os felizes peregrinos. — Mas perdemos.

— Então, o que é que há lá dentro?

— Nada. Está vazio.

Vazio? Toda aquela imensidão, aquela imponência, todas aquelas regras para adorar nada? — Isso não é possível! — exclamou Maria. — Não faz sentido.

— Foi isso que pensou o general romano Pompeu, quando conquistou Jerusalém há 50 anos. Entrou lá dentro, para ver por si. E quando não viu nada, ficou perplexo com os judeus. O nosso Deus é misterioso. Nem nós o compreendemos e, por adorá-lo, tornámo-nos um povo que ninguém pode compreender. — Fez uma pausa.

Mas Maria não desistia. — Mas por que temos, então, um templo, se as coisas preciosas que estavam lá, que serviam para adorar a Deus, já não estão lá? Foi Deus que pediu que o construíssemos?

— Não. Mas imaginávamos que tivesse pedido, pois todos os outros povos têm templos e nós queríamos ser como eles.

— A sério? — Parecia extremamente importante para Maria saber aquilo.

O barulho das pessoas em volta tornou difícil ouvi-lo responder. — Deus não deu nenhuma instrução a Salomão ou a David para que construíssem um templo. E o próprio Salomão, rezando ao monumento, o reconheceu quando disse: «Mas irá Deus, de facto, habitar a terra? O céu, até mesmo o céu mais alto, não te pode conter. Quanto mais esta casa que edifiquei». E agora, estás satisfeita? — Olhou-a, afectuosamente. — Se não fosses uma rapariga, acharia que estavas destinada a ser um erudito, um escriba. Eles estudam estas coisas o dia inteiro.

Era verdade que ela queria saber tudo sobre Deus e as suas exigências, mas não pretendia passar o tempo todo mergulhada em documentos, como os escribas e os eruditos que conheciam em Magdala, que, apesar de perigosamente influentes junto à comunidade, também eram cómicos. Nem o próprio Eli aspirava a juntar-se-lhes.

— Não é isso... — começou a explicar. O que havia para adorar num templo vazio, era o que realmente queria perguntar a Silvanus. Mas talvez não tivesse percebido.



A VIAGEM DE VOLTA PARECIA MAIS RÁPIDA. Assim que se reuniu no alto da colina acima de Jerusalém, e depois dos seus líderes terem contado as famílias para se certificarem de que se encontravam todas ali, a enorme caravana partiu. Com um sinal, as carruagens começaram a mover-se em direcção ao Norte, rumo à Galileia. Uns seguiram, depois, para Joze, para Oeste, e outros, em direcção a Leste, para Jericó, mas a família de Maria iria directamente para o mar da Galileia.

As coisas agora pareciam mais confusas. A família de Maria e as cinco outras famílias religiosas de Magdala passaram a ficar mais próximas umas das outras, mas Maria aguardava por uma oportunidade de escapar. De repente, sentiu curiosidade de ver os seus vizinhos do lago e esta era a sua oportunidade. Já sabia os nomes das cidades: Cafarnaum e Betsaida; outras, como Nazaré, ficavam bem mais longe. Queria conhecer as pessoas que moravam nesses lugares. No seu grupo de Magdala, não havia mais crianças para além das suas primas distantes, Sara e Raquel, que também estavam ansiosas por novidades.

— Vamos dar uma escapadela! — sussurrou para elas. — Vamos juntar-nos a um dos outros grupos!

— Vamos!

Por um momento, surpreendeu-a que Sara, dois anos mais velha que ela, e Raquel, ainda mais velha, acatassem a sua ideia, mas ficou demasiado contente para pensar nisso. Foram com ela, e isso é que importava.

Abaixaram-se junto das rodas das carruagens, que rangiam, e próximas da respiração ofegante dos burros. Pouco depois, encontraram o grupo de Cafarnaum. Era o maior de todos, composto de pessoas já idosas e adultos, que caminhavam com dificuldade, suspirando. Havia poucas crianças no grupo e Maria e as suas primas não ficaram por lá. Cafarnaum era a maior cidade do mar da Galileia, situada no extremo norte do lago, mas se fosse como eram os seus peregrinos, deveria ser um lugar sério e aborrecido.

O grupo de Betsaida parecia ser composto, na sua maioria, por pessoas devotas — afinal, foi desse grupo que surgira o rabino que destruiu os ídolos — e também não suscitou grande interesse às crianças.

Saltitando de grupo em grupo, o pequeno bando de exploradoras aproximou-se de um grupo totalmente desconhecido — o que não deixava de ser emocionante — quando Maria percebeu que uma menina mais ou menos da sua idade as vinha a seguir. Virou-se. À sua frente estava uma rapariguita com uma massa de cabelos ruivos, amarrados, ineficazmente, por laços.

— Quem és tu? — perguntou. Deveriam ter sido Raquel ou Sara, que eram mais velhas, a fazer a pergunta, mas, como ficaram caladas, ela mesma a fez.

— Quezia — respondeu, numa voz forte. — Significa *cássia*, a flor do cinamomo.

Maria olhou para ela. Tinha um aspecto exótico, com o seu cabelo vermelho-escuro, encaracolado, e os olhos castanho-dourados. *Cássia* era um bom nome para ela.

— De onde és?

— De Magdala — respondeu.

— Magdala! — E quem é o teu pai?

— Benjamim — disse.

Mas a sua família nunca mencionara um Benjamim. E não estavam a viajar com as outras seis famílias. Isso significava que não deveriam ser pessoas devotas e, portanto, seriam inadequadas para a sua companhia. Havia tanta coisa em Magdala que ela não conhecia — e agora sentia vontade de conhecer. — E onde é que moras?

— Moramos na parte norte da cidade, na subida que leva à estrada...

Na parte nova da cidade. Na zona onde se reuniam os novos-ricos, amigos dos romanos. Mas... se tinham feito a viagem como peregrinos, não poderiam ser totalmente amigos dos romanos.

— Quezia — disse, com a solenidade que uma criança de sete anos podia ter — sê bem-vinda.

— Obrigada! — E a menina abanou a sua bela cabeleira, fazendo Maria sentir uma pontinha de inveja. Se eu tivesse um cabelo daqueles, a minha mãe ia orgulhar-se de mim. Mas da maneira que ele é, só me pode rejeitar. O próprio cabelo dela é mais espesso e brilhante que o meu. Mas se eu tivesse o cabelo da Quezia...

— O que é que estás a olhar? — perguntou Quezia. Depois riu-se e deu-lhe a mão. — Vamos, vamos explorar.

Encontraram-se com outro grupo que parecia comedido. Quando ouviram que vinha de Nazaré, riram.

— Não temos de nos preocupar — disse Sara. — Ninguém presta atenção aos nazarenos. Eles não contam.

— Porquê? Não contam, em que sentido? — perguntou Maria. Segurava na sua nova amiga, Quezia, bem próximo a si, como se tivesse encontrado um tesouro perto da estrada e não o largasse.

— É um vilarejo de gente pobre — disse Sara. — Até admira como conseguiram juntar um grupo para viajar até Jerusalém.

— Mas têm muitos camelos — disse Maria. E ela achava que as pessoas que têm camelos deviam ser mais interessantes do que as que têm burros, pois os camelos têm mais personalidade que os burros.

— É verdade — disse Quezia. — Então vamos tentar juntar-nos ao grupo. Aí podemos saber como é que são.

Com cuidado, foram-se aproximando, pouco a pouco, até se juntarem a uma família que caminhava bem devagar. Tentaram começar uma conversa, perguntando sobre Nazaré. Mas as pessoas respondiam com frases curtas, secas.

— Não temos muitos estranhos em Nazaré — disseram. Nazaré era calma. Boa para criar uma família, afirmaram.

— Como não há muito que fazer, talvez as crianças não se metam em problemas — disse uma senhora mais velha. — Como aquela família ali. — Apontou um grupo de pessoas que caminhavam juntas, com duas crianças pequenas sentadas no burro. — Sim, aquelas pessoas. José e a sua família.

Maria olhou para ver a quem se referia a mulher. Um homem ainda jovem, simpático, caminhava à frente, seguido — presumia-se — pela sua mulher e por várias outras pessoas, com o burro e com as crianças atrás.

— É carpinteiro — disse um jovem. — Não faz a viagem todos os anos, mas fá-la o suficiente. Tinha um irmão em Cafarnaum cujos filhos se tornaram rebeldes. Juntaram-se àquelas insurreições. Suponho que José queira evitar esse tipo de problemas.

Logo atrás de José e da sua mulher, caminhava um jovem, alto, resoluto — quase um homem, mas ainda jovem — de cabelo espesso e escuro que parecia ruivo à luz do Sol do meio-dia. Ao seu lado, caminhava outro rapaz e, a seguir, mais um grupo deles.

Nesse momento, o jovem voltou-se para olhar Maria e as suas amigas. Tinha uns olhos escuros e profundos.

— Quem é ele? — perguntou Quezia.

— Aquele é o filho mais velho, Jesus — respondeu o rapaz que mostrara a família. — É o preferido de José.

— Porquê? É bom carpinteiro?

O rapaz encolheu os ombros. — Não sei. Deve ser, senão José não teria orgulho nele. Mas todos os adultos gostam dele.

— E as pessoas da idade dele?

— Bem, nós gostamos dele, mas ele é muito... *sério*. Mas gosta de brincar e é um bom amigo. Mas... — riu-se — gosta muito de ler e tenta guardar segredo disso. Imagina que os teus amigos sabem que gostas muito dos estudos que todos nós achamos aborrecidos. Dizem que até sabe ler grego. Aprendeu sozinho.

— Isso é impossível — disse uma moça alta. — Ninguém aprende grego sozinho.

— Bem, talvez o tenham ajudado, mas ele estudou sozinho. E em segredo.

— Tenho a certeza de que isso não era segredo para os amigos mais próximos dele — disse a rapariga, com desdém.

— Como tu?

— Eu não sou...

Maria e as amigas decidiram conhecer de perto aquela família intrigante. Não foi difícil aproximarem-se e juntar-se a eles. José, o patriarca, conduzia o grupo, batendo, a cada passada, com o cajado no chão. Maria notou que o cajado tinha uma bela talha e, no castão, tinha esculpida uma tâmara: um toque de artista.

— Que lindo cajado — disse Quezia, aproximando-se.

José olhou para elas e sorriu. — Gostas? Fui eu que fiz a talha, mas foi Jesus, este rapaz aqui, quem esculpiu a tâmara.

— É lindo — disse Quezia. Maria, subitamente, não conseguia falar.

— Gostei muito de fazer este trabalho — disse o jovem. Tinha uma voz agradável e, de certa forma, diferente. — Preveni o meu pai para que não o trouxesse nesta viagem. Se o perder, não posso prometer fazer um trabalho igual. Pelo menos, nunca seria igual. Nem sempre se podem fazer réplicas de um trabalho.

*Exactamente o que eu estava a pensar, sobre perder aquele cajado, pensou Maria. Que estranho! Mas o que quis ele dizer com não poder esculpir outro?*

— As coisas nunca ficam iguais da segunda vez — explicou novamente, como se lesse os seus pensamentos. — Mesmo que o queiras fazer. — Então, sorriu, um sorriso sedutor e reconfortante, mudando por completo a sua fisionomia, com os olhos a brilhar.

— De onde são vocês? — perguntou, pois ela não respondeu logo ao seu comentário sobre o cajado.

— De Magdala — disse uma das primas.

— De Magdala — repetiu Maria.

— Qual é o teu nome? — perguntou ele.

— Maria — respondeu ela, baixinho.

— O nome da minha mãe — disse Jesus. — Devias conhecê-la. Ela gosta sempre de conhecer outras Marias. — Acenou para trás, com a mão, a uma mulher que caminhava cercada por crianças.

Obedientes, Maria, suas primas e Quezia ficaram para trás, esperando para conhecer a outra Maria. Ela caminhava rapidamente, ocupada com os meninos à sua volta.

Falava menos que o seu marido e que o filho mais velho, mas era acolhedora. Também fez perguntas, mas delicadamente, sem importunar. Queria saber de onde eram e quem eram as suas famílias. Sabia quem era Natan: «Quem não ouvirá falar dele e dos seus bem-sucedidos negócios?», e chegou a dizer que «invejava os seus filhos, que tanto o ajudavam no trabalho». As suas feições finas, davam um aspecto clássico ao seu rosto, como o da efígie de uma moeda ou o de uma estátua, e os seus modos eram calmos e reconfortantes. Disse que ela, ou outra pessoa da sua família, viajava anualmente a Magdala para comprar peixe de conserva, que era incomparável.

— Não temos pescadores na família — disse. — Por isso, temos de confiar nos outros. — Fez uma pausa. — Pelo menos, até agora. Será que algum de vocês vai ser pescador? Dirigia-se aos três meninos que vinham a caminhar atrás: um rapaz moreno, de cerca de doze anos, seguido de outro, baixinho e atarracado, uns dois anos mais novo, de cabelo mais claro, e finalmente pelo Benjamim. — Tia-go — disse ela, apontando o moreno — e Judas. E o mais novo é o José, mas nós chamamo-lo de Zé. Dois Josés na família geram confusão.

O menino sorriu e acenou para elas, enquanto Tiago meneou a cabeça, em sinal de assentimento.

— Tiago mostra pouco interesse em brincar ao ar livre — disse a sua mãe, des preocupada. — Gosta mais de ficar em casa, a ler.

— É como o meu irmão Eli — disse alegremente Maria. Talvez houvesse um deles em cada família.

— Ah, e ele está aqui? — perguntou Maria, a mais velha.

— Sim, está ali com o grupo de Magdala.

— Como é que te chamas?

— Maria.

— Mas é o meu nome também! — disse, contente. — Estou muito feliz por te ter conhecido. — E parecia dizê-lo com sinceridade.

— Muito obrigada — disse Maria. Ninguém jamais lhe dissera isso.

— Então, somos as filhas de Miriam — disse a outra Maria — embora os nossos nomes sejam a forma grega da palavra. — Fez um gesto para que se aproximassem as suas outras crianças. — Esta aqui é a Rute — disse, apresentando uma menina mais alta e mais velha que Maria.

Rute baixou a cabeça.

— E a Lia. — E, de repente, apareceu uma menina forte, mais ou menos da idade de Maria.

— Olá — disse Lia. — Não és de Nazaré.

Seria uma pergunta? Um desafio?

— Não — disse Maria. — Eu, e aqui a minha amiga e as minhas primas, somos de Magdala.

Como Lia parecia não ter compreendido, Maria continuou: — Fica no mar da Galileia. O mar de Quinerete.

— Ah, já sei — disse Lia, contente. — Parece um espelho de manhã cedo e ao pôr-do-sol. Tens sorte em morar lá.

— Devias visitar-nos e eu mostrava-te tudo.

— Talvez vá — disse, fazendo um gesto com o braço. — Acho que já nos conhecemos a todos, menos ao bebé — disse Lia. — Olha ele ali. — E apontou para um burrico de cor escura, com um pirralho sobre a sela, que era segurada com firmeza por outro primo que caminhava ao lado. — É o Simão.

Enquanto caminhavam, conversando, nem Maria, nem Quezia, nem as suas primas repararam que o Sol desaparecia do céu. Era agradável viajar com aquela família nazarena. Todos eles — ou, pelo menos, Maria, Jesus e Lia — pareciam prestar atenção a tudo o que ela dizia e achá-lo até importante. Maria percebia que Tiago também escutava, mas ele falava pouco. As perguntas que faziam a Maria eram, misteriosamente, as que ela queria responder, e não aquelas perguntas aborrecidas que toda a gente faz e que resultam em respostas tão vazias como as próprias perguntas.

De repente, o grupo inteiro diminuiu o ritmo da marcha. — Está a aproximar-se o Sabat — disse Maria, a mais velha.

O Sabat! Maria e as outras olharam-se entre si, surpresas. Tinham-se esquecido por completo! E agora, a caravana teria que parar ali, mesmo no meio de Samaria, para o observar! Seria melhor voltarem para o seu grupo.

— Fica connosco — disse Maria, a mais velha.

— Sim, passa a noite do Sabat connosco. Temos bastante espaço. — Era Jesus que falava.

Maria olhou para ele, tentando ver se falava com sinceridade ou se estava apenas a ser delicado.

— Por favor. — E ele sorria com um sorriso de boas-vindas.

E será que a sua família não ficaria aborrecida? Ou preocupada?

— As pessoas visitam-se umas às outras a toda a hora — dizia Maria, a mais velha. — É uma boa forma de celebrar o Sabat. Mas Jesus pode ir avisar a tua família sobre onde estás, para que não se preocupem.

— E as nossas famílias também? — perguntaram, excitadas, as primas e Quezia.

— Claro que sim.

— Muito obrigada — disse Maria, mordendo o lábio para não demonstrar a

sua excitação com a perspectiva de passar o Sabat com aquelas pessoas estranhas, que eram tão misteriosas quanto reconfortantes.

Começaram a procurar um lugar adequado para acampar, mas com o pouco tempo que tinham antes que começasse o Sabat, não podiam ser muito exigentes. Rapidamente, escolheram um lugar plano, onde havia algumas árvores que ofereciam protecção e onde se podia amarrar os animais. As outras famílias de Nazaré também se acomodavam em volta deles, e em pouco tempo havia surgido uma cidadezinha de tendas.

— Agora, rápido — disse Maria, a mais velha, aos seus filhos. — Vamos acender a fogueira!

Judas e Tiago começaram a apanhar gravetos, empilhando-os em frente à tenda e depois pegando-lhes fogo.

— Raparigas, ajudem-me a preparar a comida para pôr na panela. — Abriu um saco, de onde tirou panelas e conchas para servir, e apontou para outro. — O feijão, ali. Será que dá tempo de assar o pão? — E olhou na direcção do Sol, avaliando a luz.

Entretanto, José estava a cuidar dos burros, aliviando-os dos arreios e das selas, e levando-os ao poço para beberem água. Dentro da tenda maior, Maria, as primas e Quezia ocupavam-se preparando as mantas onde as pessoas iriam dormir.

— As luzes! — disse Maria, a mais velha, acenando para Rute. — Por favor, filha, prepara as luzes para o Sabat. — Rute começou a procurá-las numa das trouxas e, por fim, descobriu duas lamparinas. Com destreza, encheu-as de azeite quase até ao pavio e deixou-as prontas.

Um pequeno fogareiro de barro foi colocado sobre as achas da fogueira e a panela com o feijão foi posta no fogo; a massa do pão, preparada à pressa, foi coberta e colocada para crescer. Havia um clima de expectativa, pela pressa e pelo que restava fazer. Preparou-se mais comida — pois deveria haver o suficiente até ao pôr-do-sol do dia seguinte — e assim que ficou pronta, foi retirada do fogo, dando lugar a outra fornada.

O Sol foi descendo no céu até ficar quase no horizonte, lançando sobre o acampamento as sombras coloridas das árvores e dos camelos mais próximos. O fumo das várias fogueiras levantou-se, projectando nuvens igualmente coloridas, e a paisagem tornou-se uma espécie de névoa violeta.

— Está quase tudo pronto — disse Maria, a mais velha, com um suspiro de alívio e satisfação. Colocou alguns pães para assar no forno, retirando dois que já estavam prontos. Colocou-os ao lado, para arrefecerem, e o seu cheiro espalhou-se pelo ar.

Rute e Lia tinham transferido o feijão para tigelas de cerâmica, que dispuseram sobre a cobertura onde a comida seria servida. As duas lamparinas do Sabat também foram colocadas ao lado da cobertura. Os meninos trouxeram um odre com vinho, e as suas irmãs, as taças; queijo de cabra, peixe seco, amêndoas e figos foram dispostos sobre um pano.

O Sol chegara ao horizonte. O que ainda faltava, teria que ser feito rapidamente, ou esquecido. As cordas das tendas estavam firmes? Durante o Sabat não se podiam atar nós. O fogão fora apagado? Não se podia cozinhar nem aquecer comida durante o Sabat. Alguém tinha alguma coisa para escrever? Tinha de fazê-lo rapidamente — não se podia escrever durante o Sabat, excepto com tinta de sucos de frutas, ou na areia, ou com a mão esquerda, se esta não fosse a mão que normalmente se usava para escrever.

Rapidamente, Rute penteou o cabelo — no Sabat não era permitido pentear-se. Lia tirou as fitas do cabelo de má vontade — os enfeites eram proibidos. Os homens tiraram as sandálias cardadas — não eram permitidas.

Jesus voltou e, rapidamente, sentou-se, tirando as suas sandálias.

— Encontrei as nossas famílias? — perguntou Maria. — Falaste com eles? — *Permitiram que ficássemos?*, perguntou-se, em silêncio. Tinha a certeza de que teria de voltar para lá, e bem rápido, antes de o Sol se pôr.

— Sim — disse Jesus. — Encontrei todos. — Inclinou-se para a frente, ainda sem fôlego. — Quezia, a tua família pareceu ficar contente por teres sido convidada a passar o Sabat connosco. — Olhou em volta, para Raquel e Sara. — A vossa família não ficou tão contente, mas deram permissão. E a tua... — Olhou para Maria. — Foi difícil convencê-los.

O que teria acontecido? Ela sentiu o coração disparar e ficou a ouvir. — O teu pai — Natan? — E acenou para ela.

— Sim — respondeu ela.

— Ele disse que não era certo, que não nos conhecíamos e que ele era muito rigoroso em relação a não se misturar com famílias menos devotas.

Sim. Claro, Maria sabia disso.

— Queria alguma prova de que éramos respeitáveis.

— E como, como é que o poderia saber?

— Fez um teste comigo. — Jesus riu, achando que fora mais uma diversão do que um insulto. — Quis saber os meus conhecimentos das escrituras, como se isso revelasse as minhas insuficiências.

Aí, foi a vez da sua mãe dar uma gargalhada. — O teste errado! — disse, abanando a cabeça. — Os rabinos de Jerusalém já sabem isso. — E voltou-se para as convidadas. — No ano passado, Jesus ficou para trás, em Jerusalém, discutindo



alguns aspectos das escrituras com os escribas e os rabinos do Templo. Entendo a preocupação dos teus pais, de uma filha ficar com outras pessoas, Maria. Mas ninguém ganha a Jesus numa competição sobre as escrituras.

Jesus meneou a cabeça. — Não foi uma competição — disse. — Ele só me perguntou sobre alguns textos... — E encolheu os ombros.

Todos se juntaram em torno da coberta, embora ainda sobrassem alguns raios de Sol. Rute abaixou-se e acendeu as lamparinas do Sabat, com o cabelo enrolado em volta da cabeça. Calmamente, observaram o pôr-do-sol.

Maria lembrava-se de que o fazia semanalmente quando estava em casa, mas esta era a sua primeira experiência de passar o Sabat com uma família que não era a sua. Em casa, havia sempre uma expectativa, uma ansiedade pela chegada do Sabat. E quando chegava... sim, desta vez, parecia diferente. Quase mágico. Podia dizer para si própria: este é o pão do Sabat, esta é a água do Sabat, esta é a luz do Sabat.

De algum lugar do acampamento soaram duas notas de uma trombeta, repetidas por três vezes. Assinalava o início do Sabat, o entardecer entre o surgimento da primeira e da terceira estrela no céu ainda claro. Segundo a tradição, as primeiras duas notas avisavam quem estava a trabalhar para que parasse de o fazer; as duas segundas preveniam os mercadores para que terminassem os seus negócios; e as terceiras, para avisar que chegara a hora das luzes do Sabat. O Sabat começara a iluminar, dizia-se.

Maria, a mãe, aproximou-se das lamparinas para fazer a prece. — Abençoado seja o Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que santificou os dez mandamentos e nos mandou acender a lamparina do Sabat. — A sua voz, baixa e agradável, fazia com que as palavras parecessem mais ricas.

Toda a gente se acomodou junto da coberta. O céu escurecia rapidamente e a luz das lamparinas tornava-se cada vez mais clara; havia outras lamparinas, colocadas do lado de fora da tenda. Exceptuando um ou outro mugido ou balido de algum animal, parecia que um leve sopro estava suspenso no ar.

— Bem-vindas sejam as nossas convidadas — disse José, acenando com a cabeça para Maria, as suas primas e Quezia. — Embora não moremos assim tão longe, há muitos vizinhos das cidades próximas que nunca encontramos. É uma felicidade que tenham vindo ter connosco.

— Sim — disse Jesus. — Obrigado por terem vindo ter connosco. — E sorriu.

— Agora vamos comer e agradecer por este lindo Sabat. — José partiu um pão e foi passado em redor.

Sentados, com as pernas cruzadas, foram pegando no pão que recebiam. Depois, havia o feijão, as fatias finas de cebola, os figos, as amêndoas, o queijo e o peixe em conserva, de Magdala.

Jesus olhou, surpreendido, e disse: — Devíamos ter sabido que íamos ter visitas de Magdala. — Pegou num pouco de peixe e passou-o em volta.

Maria vibrou, orgulhosa. Talvez aqueles peixes tivessem vindo do armazém do seu pai! Escolheu um, colocando-o cuidadosamente sobre o pão.

— O peixe de Magdala viaja para bem longe — disse José, levando à boca, despreocupadamente, um pedaço de pão com peixe. — Vocês divulgaram o nosso nome até Roma, e mais além. — E engoliu o seu pedaço.

— Sim, nós, galileus, somos respeitados no exterior, mas não tanto em Jerusalém — disse Jesus. Ele também colocou um pedaço de pão com peixe na boca e sorriu com satisfação.

— O que queres dizer? — perguntou Tiago, curioso.

— Sabes bem o que quero dizer — respondeu Jesus. — Como chamam à Galileia? «O círculo dos hereges.» Chamam porque foram tantas as vezes que estivemos dentro e fora das verdadeiras fronteiras de Israel, enquanto as regiões do país iam sendo conquistadas... — Tomou um gole de vinho. — Há uma pergunta interessante: quem são e o que são os verdadeiros filhos de Israel? — Riu e inclinou a cabeça na direcção das mulheres. — E as filhas, naturalmente.

— Quem são os judeus? — perguntou Tiago, de repente, com a cara bem séria. — Talvez só... o céu... possa responder. — Fez uma pausa. — Existem meio-judeus, com antepassados suspeitos; existem falsos judeus, como Herodes Antipas; e existem gentios que são atraídos pelos nossos conhecimentos — e quem não seria, com aquelas religiões repugnantes à sua volta — mas que não vão até ao fim, pois não fazem a circuncisão. Será que todos esses quase-judeus nos ajudam ou atrapalham?

— Depende de Deus. Não sabemos se lhe agrada que as pessoas se aproximem de si, ainda que a uma certa distância, ou se se sente insultado por isso.

— Eu não sei — reconheceu Tiago.

— Nem eu — disse José pondo fim à discussão. — Além do mais, estamos a profanar o Sabat com esta conversa vazia. E somos nós os responsáveis por esta conversa vazia. Devemos explicar-nos para com Deus.

— O que é uma «conversa vazia»? — perguntou Quezia. Maria espantou-se que ela falasse assim com José. — Alguma coisa que não é sagrada? Mas eu acho que há uma série de coisas de que se pode falar que não parecem sagradas. — Fez uma pausa. — Por exemplo... decidir que roupa vestir.

— Mas existem normas em relação a isso tudo — disse Tiago. — Moisés criou essas normas, e depois, quando os rabinos...

— Mas eu refiro-me a usar roupas agradáveis ou roupas velhas, roupas coloridas ou sóbrias e escuras, roupas caras ou baratas! — Olhou em volta, triunfante. — Estão a ver? Não há normas em relação a isso...

— Bem, nesse caso deve ser usado um critério genérico — disse José. — E será que irá agradar a Deus? Será que ele se sentirá glorificado? Compreendes? Não é assim tão simples como uma norma. Será que Deus se importa com a aparência externa das pessoas? Ou será que só os homens, que não podem ver o que está no coração, é que dão importância a isso?

— É muito complicado — queixou-se Quezia. — Como é que se pode saber o que vai na cabeça de Deus?

Nesse momento, Rute deu uma dentada numa tâmara seca e fez uma careta. — O meu dente — disse, mais pelo susto do que pela dor.

— A raiz de alfavaca — disse a sua mãe. — Está no saco de couro... — E o tom da sua voz desceu. — Que está dentro daquela saca grande. — Todos tinham compreendido. A sacola grande estava amarrada com nós e era proibido desatá-los até ao pôr-do-sol do dia seguinte. E, mesmo que fosse mais fácil, era proibido usar remédios durante o Sabat.

— Mas... — lembrou Maria — o vinagre pode ser usado como tempero, e se ajudar na dor de dentes, é permitido. — Por sorte, o frasquinho de vinagre estava do lado de fora. Foi passado de mão em mão e toda a gente temperou a comida. Rute tomou uma dose grande.

Na tranquilidade que se seguiu à refeição, enquanto esperavam que o vinagre aliviasse as dores de Rute, a família começou a recitar as escrituras. Tinha de ser feito de memória, pois era proibido ler.

Mas quando terminaram de recitar, Rute ainda estava incomodada.

— Talvez eu devesse falar com o rabino — disse José. — Talvez ele me permitia desatar os nós ou usar um remédio, só desta vez. — E abanou a cabeça. Um dos meninos foi chamar o rabino e, após o que pareceu uma eternidade, ele surgiu da escuridão que envolvia a tenda.

— Deixe-me ver a criança — disse. Dirigiu-se a Rute e pediu-lhe que abrisse a boca, espreitando para dentro. Em seguida, fechou-a.

— Não vejo nada de mais — murmurou.

— Mas dói — disse Rute.

— Será que não podemos desatar a sacola onde está o pó? — perguntou José.

— Consegue desatar com uma mão só? — retrucou o rabino.

— Não, é um nó forte, para aguentar a viagem.

O rabino abanou a cabeça. — Então, conhece as normas — disse. E voltou-se para Rute. — Tenta ser forte, menina. A noite já vai adiantada e não irá demorar muito até ao pôr-do-sol, amanhã. — Olhou para todos eles. — Sinto muito — disse, voltando-se para a saída. — E, de qualquer maneira, mesmo que o remédio

estivesse ao alcance, não pode ser usado durante o Sabat. — Parecia triste e apolagético. — Sabe bem disso, José.

Depois de o rabino ter saído, José veio sentar-se junto da sua filha e pegou-lhe na mão. Ela fazia uma careta de dor. Ele olhou para os seus olhos e, decidido, levantou-se.

Dirigiu-se à sacola e, calmamente, deliberadamente, desatou os nós. — Vou fazer uma oferenda dos meus pecados para compensar isto — disse. — Mas não aguento ficar aqui quieto, à espera de amanhã. — Pegou no remédio e deu-o a Rute.

• • •

POUCO DEPOIS, FORAM TODOS DORMIR, acomodando-se nas mantas que tinham sido preparadas. Maria, as suas primas e Quezia ficaram num dos cantos da tenda e não demorou para que adormecessem. Com todo o cuidado, ela desamarrara o seu cinto, colocando-o junto do capote. Acariciara-o protectoramente e deitara-se com ele junto da cabeça.

Sorria quando adormeceu. Era bom ter um segredo. E o dia também tinha sido maravilhoso, conhecendo aquelas pessoas de Nazaré. Tinha de reconhecer que era divertido ficar por um tempo longe da família, ser outra pessoa. Ou, quem sabe, talvez não ser outra pessoa mas aquela que somos.

Dormiu profundamente e, quando acordou, os outros já se tinham levantado. Estavam todos lá fora e ela ainda esfregava os olhos. Rapidamente, sentou-se, vestiu-se e juntou-se a eles.

O céu estava limpo e azul; o clarão da madrugada já tinha desaparecido.

Compartilharam uma refeição leve, de pão e queijo, sentados em círculo. O brilho do céu e o cheiro doce da manhã prometiam um dia magnífico.

— Não é de estranhar que, se o primeiro Sabat foi tão bonito quanto este, Deus tenha achado que fizera «um bom trabalho» e que tenha ido descansar — disse Jesus. Mastigava, devagar, um pedaço de pão, e olhava para o alto, profundamente feliz.

Todos concordaram. Parecia respirar-se paz no ar. — É verdade — disse a mãe de Jesus, com a sua voz melodiosa. E passou uma cesta de figos com o gesto gracioso de uma bailarina.

*Ela é linda*, pensou Maria, *mas só agora é que o percebi. É muito mais bonita do que a minha própria mãe*. Mas, na mesma hora, sentiu-se desleal, e até culpada, por o ter pensado.

O RESTO DO DIA — que pareceu tão longo quanto curto — passou-se nos prazeres do lazer e da devoção. Era permitido ficar sentado, a conversar; assim como cantar, dar pequenas caminhadas, alimentar os animais, comer a comida já preparada, gozar da tranquilidade e sonhar. E havia as orações, a sós ou em grupo, entre as quais a mais antiga e fundamental era a Shemá: «Shemá, escutai! Ó Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é Um.»

Maria reparou que Jesus estava sentado em baixo de uma pequena árvore e parecia dormir. Porém, observando com mais atenção, percebeu que ele não estava a dormir, mas profundamente concentrado em alguma coisa, alguma coisa interior. Quando tentava afastar-se, ele viu-a. Já era tarde, ela tinha-o perturbado. Ele acenou para que ela se aproximasse.

— Desculpa-me — disse ela.

— Porquê? — Ele não parecia aborrecido com a sua presença, e sim confuso, sem compreender o motivo para as suas desculpas.

— Por me ter intrometido — disse ela.

Ele sorriu. — Estou sentado ao ar livre. É impossível alguém intrometer-se num lugar público.

— Mas estavas sozinho — insistiu Maria. — Talvez quisesse ficar sozinho.

— Não, nada disso — disse ele. — Talvez só estivesse à espera que alguma coisa de interessante acontecesse.

— Como, por exemplo, o quê?

— Qualquer coisa. Tudo o que acontece é interessante, se olharmos com atenção. Repara ali naquele lagarto — e inclinou a cabeça, devagar, para não o assustar — que está a tentar decidir se sai ou não da fenda na árvore.

— E daí, qual é o interesse do lagarto? — Na verdade, ela nunca achara os lagartos interessantes, embora também nunca os tivesse olhado com atenção — mexiam-se muito depressa.

— Não achas os lagartos fascinantes? — perguntou ele. E parecia sério. — A pele deles é tão esquisita, tão áspera. E a maneira como mexem as pernas, tão diferente dos outros animais de quatro patas. Eles mexem uma de cada vez, e não duas de cada vez. Quando Deus os criou, devia estar a querer provar que há muitas formas de locomoção e muitas formas de andar com rapidez.

— E as cobras? — perguntou ela. — Não percebo como conseguem mover-se, e ainda mais com a rapidez com que o fazem, sem pernas.

— É verdade, as cobras são um exemplo ainda melhor. Inteligentemente, Deus ensinou-as a moverem-se e a viverem bem apesar do que não têm.

— E também não as podemos comer — disse Maria. — Será que Deus queria protegê-las ou a nós?

— Agora estamos realmente a observar o Sabat — disse Jesus, repentinamente. — E isso é um prazer, exactamente como deveria ser.

Ele dizia umas coisas tão estranhas. Mas ela gostava dele na mesma. Por vezes, as pessoas que diziam coisas estranhas eram assustadoras, pareciam perigosas, ou meio malucas e imprevisíveis. Mas aquele rapaz parecia o contrário: extremamente sensível e digno de toda a confiança. Por isso, pareceu-lhe correcto confessar: — Não compreendi o que quiseste dizer.

Ele deu um suspiro de prazer. — É porque estamos a pensar em Deus, no trabalho das suas mãos, a meditar, digamos assim, sobre isso.

— A meditar sobre um lagarto? — perguntou ela, sem conseguir evitar um risinho.

— Não é uma criação de Deus inferior a uma águia ou a um leão — disse ele. — E talvez até seja mais reveladora do seu génio.

— Será que deveríamos passar o ano a meditar, cada dia sobre uma criatura diferente? — perguntou ela. A ideia parecia-lhe curiosa.

— Perfeitamente — disse ele. — Lembra-te do Salmo que diz:

*Louvai ao Senhor desde a terra:  
vós, baleias, e todos os abismos;  
Fogo e saraiva, neve e vapores,  
e vento tempestuoso que executa a sua palavra;  
Montes e todos os outeiros,  
árvores frutíferas e todos os cedros;  
As feras e todos os gados, répteis e aves voadoras...*

Ela não se lembrava desse Salmo, mas agora não o esqueceria.

Virando-se, séria, para o lagarto, ordenou-lhe: — Pede a bênção a Deus! — Ele deu um salto e desapareceu para dentro da fenda da árvore. Jesus riu-se.

Faltava pouco — muito pouco, parecia — para o Sol tocar o horizonte, decretando o fim do Sabat. De pé, olharam o pôr-do-sol e ouviram a trombeta que anunciava o fim da pausa sagrada.

• 4 •

APESAR DE MARIA, A MAIS VELHA, ter garantido que visitar outras famílias era

uma maneira excelente de observar o Sabat, e de o seu filho, Jesus, ter procurado a família da pequena Maria para lhe comunicar onde ela se encontrava, os seus pais estavam aborrecidos quando ela voltou.

— O que é que tens dentro da cabeça, para saíres por aí daquela maneira? — disse-lhe a sua mãe, rispidamente. — Acabaste por ter de passar o Sabat com uma família de estranhos! — E encarando Maria, acrescentou: — E aquele rapaz que nos veio procurar... não gostei dele.

— Jesus? — perguntou Maria.

— Dá para ver que ele não foi educado como deve ser. Nem sabe ser respeitoso. Não é o tipo de gente com quem te deves dar.

— Mas, então, porque me deixou ficar? — perguntou Maria, baixinho.

— O que eu gostaria de saber é porque é que *quiseste* ficar lá? É essa a questão!

Maria queria contar à sua mãe que aquela família era maravilhosa, queria dizer-lhe como se tinha divertido a conversar com eles, queria contar a aventura da dor de dentes. Mas sabia que a decisão de José, de quebrar deliberadamente as normas do Sabat, não iria agradar aos seus pais. Preferiu não contar e, baixando os olhos, disse apenas: — Eles parecem muito generosos.

O seu pai aproximou-se. — A cidade de Nazaré tem má reputação — disse. — E aquele rapaz, Jesus... Fiz-lhe umas perguntas sobre as escrituras e...

— E ele conhece-as melhor que o senhor — disse Silvanus, que estava atrás dele. — Quando o senhor lhe perguntou sobre aquela passagem em Oseias — e soltou uma gargalhada — sabe qual é, aquela que o senhor gosta de citar sobre o lamento da terra...

— Já sei, já sei! — rosnou Natan, irritado.

— Ele pediu-me que lhe desse isto — disse Maria, entregando ao seu pai o cajado que Jesus e José tinham esculpido. Tinham insistido que ela o trouxesse, como se quisessem apaziguar Natan. Ela tinha recusado — era uma peça muito delicada e eles tinham-na trabalhado com carinho — mas eles não permitiram.

— O quê? — Natan tomou o cajado e examinou-o. Os seus lábios tremiam. Rodou-o, observando o trabalho entalhado. — Vaidades! — disse, atirando o cajado para o chão. Maria assustou-se.

Silvanus aproximou-se, abaixou-se e pegou no cajado. — É pecado menosprezar um presente dessa maneira — disse.

— Ai é? — retrucou o seu pai. — E onde é que as escrituras dizem isso?

Virou-lhes as costas e foi-se embora.

Silvanus ficou a passar a mão pelo cajado. — Quando te encontrares com Jesus de novo, hás-de perguntar-lhe — disse. — Tenho a certeza que existe alguma

passagem nos textos sagrados sobre não profanar um presente. E ele vai saber, de certeza.

— Não vou voltar a encontrar-me com Jesus — disse Maria. Estava certa disso. O seu pai ia proibi-la. Mas quando voltassem para Magdala, estava decidida a ir visitar a sua nova amiga, Quezia. É claro que o seu pai também iria discordar, mas se não soubesse, não a poderia proibir.

• • •

MAGDALA ESPERAVA-OS. Quando os peregrinos voltavam transformavam-se sempre no centro das atenções durante alguns dias, em celebrações dentro do seu círculo de amigos: Como eram as ruas de Jerusalém? Havia muitos judeus estrangeiros? E o Templo, é realmente um esplendor? Entrar nos pátios do Templo é a coisa mais importante da vida? Às vezes, a atenção que lhes era solicitada e aquela adulação momentânea eram mais inebriantes do que a própria viagem. Depois ia desaparecendo, inevitavelmente. E o próximo grupo de peregrinos — no caso, os que iriam a Jerusalém, para o Yom Kippur — tomaria o lugar deles como centro das atenções.

Passaram-se várias semanas — seis Sabats — antes que Maria e Quezia se tornassem a ver. Tinham conseguido comunicar uma com a outra e combinaram que Maria iria a casa de Quezia, onde tomaria uma refeição com a família. Seria uma tarde em que Maria supostamente ia ver uma exposição de tecelagem, numa casa próxima à sua, que seria feita por um mestre tecelão de tapetes, de Tiro. Ela assistiu ao trabalho do artesão por alguns minutos, enquanto pensava: *É muito bonito, mas eu jamais seria capaz de fazê-lo*. E saiu da oficina, à beira do lago, apressando o passo quando atravessou o mercado, cheio de gente, e seguiu a rua que ia na direcção norte, para a região da cidade que ficava na colina em que estavam as casas novas.

A ladeira era íngreme e ela parou um pouco para recuperar o fôlego. À sua volta, as casas iam ficando maiores e mais bonitas, com muros para a rua, o que deveria significar que o que quer que houvesse lá dentro merecia ser bem guardado.

A casa de Quezia era mesmo no final da rua. Ficava empoleirada e os degraus que lhe davam acesso faziam um ângulo. A porta de entrada tinha enfeites de bronze. Antes mesmo que Maria batesse, a porta abriu-se e apareceu Quezia, com um sorriso triunfante.

— Chegaste! — disse, puxando Maria para dentro e abraçando-a.

— Sim, mas foi difícil. — Tentou nem pensar no castigo que receberia se os seus pais soubessem que ela tinha saído da exposição de tecelagem. Mas agora esta-



va ali, onde queria estar. Entrou na casa e descobriu um enorme pátio interno, meio escuro. Era surpreendentemente fresco, para um dia quente de Verão como aquele.

Ficaram a olhar uma para a outra, por algum tempo. Aquela amizade que tinham criado de maneira tão repentina, e tão intensa, parecia agora produto da imaginação.

— Bem — disse Quezia. — Estou contente com a tua visita. Anda conhecer a minha casa. — Pegando Maria pela mão, levou-a para o outro lado do pátio, onde ficavam vários quartos. Eram muitos, talvez o dobro, ou o triplo, dos quartos que havia na casa de Maria.

— Tens um quarto só para ti?

— Claro, e também há um segundo andar, com mais quartos lá em cima. — A sua voz era agradável e amiga, falava a brincar, como se toda a gente vivesse dessa maneira.

Maria tentava não olhar fixamente. Mas os quartos, escuros, pareciam um sonho. Uma escuridão estranha, pois só tinham três paredes: a quarta era aberta e dava para um jardim ensolarado. Foi então que ela, quando os seus olhos se acostumaram à escuridão, percebeu que as paredes estavam pintadas de um vermelho cor de sangue, escuro, e num dos quartos as paredes eram pretas. Era daí que vinha a escuridão.

Mas Quezia continuava a puxar por ela. Saíram da parte formal da casa e passaram para onde a família morava. Aí, Maria foi introduzida num quarto com paredes amarelas e um tecto baixo — com cadeirinhas e uma mesa pequena, preparada com xícaras e pratinhos em miniatura. O chão era fresco, de pedra polida, e num canto do quarto estava uma cama estreita, com pernas esculpidas, pintada de preto e com degraus dourados. Cobria-a uma seda reluzente.

— Ah! — disse Maria, por fim, olhando em volta, maravilhada. — E é aqui que moras? É aqui que dormes?

— É — disse Quezia — desde que me lembro. — E as duas riram, pois sabiam que sete ou oito anos não eram assim tanto tempo para lembrar.

Maria não se conseguia imaginar a morar num lugar daqueles. Ia passar o tempo todo só a olhar para aquilo tudo, pensou. Examinou as xícaras e pratinhos em miniatura e os jarrinhos e tigelinhas.

— Comes aqui? — perguntou.

Quezia riu-se. — Não, isso é um brinquedo. Tenho um apetite demasiado grande para esses pratinhos em miniatura!

Será que ela tinha bonecas? Mas as bonecas eram proibidas — é claro que não ia ter bonecas.

— Essas coisas aí são para mim e para os meus amigos imaginários — disse

Quezia. — E agora que estás aqui, são para uma amiga de verdade. Podemos fingir que fazemos uma festa! Uma festa com comida imaginária que não deixa manchas e os pratos, depois, não têm de ser lavados!

— Eu nunca tive um cantinho para fazer banquetes a brincar — disse Maria. Seria muito divertido!

De repente, desapareceu a timidez entre elas. Elas eram muito parecidas, destinadas a serem amigas.

— Vamos, acho que já é hora de comer a sério. E eu queria que conhecesses a minha mãe e o meu pai. E, claro, o meu irmãozinho, Omeri.

Omeri. Maria nunca ouvira falar de alguém chamado Omeri. Tinha uma vaga lembrança do nome, algum rei meio perverso, com esse nome. Mas, por outro lado, também nunca conhecera ninguém chamado Quezia. Aquela família, evidentemente, não era propensa a chamar os filhos com nomes comuns — como Maria, Jesus ou Samuel.

Quezia levou Maria a outra parte da casa, também junto ao jardim: uma sala clara, com as paredes pintadas de um verde-escuro e, na parte de cima, árvores e flores. No centro da sala havia uma mesa de mármore, com almofadas junto ao encosto de pedra. Não se sentia o calor do meio-dia, mas a sala era bem iluminada pela luz do Sol.

— Mãe, pai, esta é a minha amiga Maria — disse Quezia, orgulhosa, apresentando-a como se fosse um presente de luxo. — Lembram-se de eu vos contar sobre como nos encontrámos na peregrinação a Jerusalém.

— Ah, claro. — Uma mulher alta, numa roupa de cetim escarlata, abaixou-se para Maria, olhando-a com solenidade, como se estivesse a ser apresentada a alguém muito importante — a uma pessoa adulta, e não a uma criança. — Estou tão contente que tu e a Quezia se tenham tornado amigas — murmurou.

— Bem-vinda — disse o pai de Quezia. Não era muito diferente do pai de Maria, nem na idade, nem na estatura, mas usava vários anéis de ouro nos dedos e a sua túnica era mais colorida do que aquelas que Natan preferia.

Um rapazito de cara redonda, um pouco mais novo que Quezia, arrastou-se até à mesa e, apoiando-se nela, disse: — Olá.

— Este é o Omeri — disse a mulher. — Omeri, não sabes sorrir? Disseste «olá», mas não pareces muito contente...

— Tá bem — suspirou Omeri. Fez uma careta, como se fosse um sorriso, acrescentando um «bem-vinda» exagerado.

— Omeri, és terrível! — criticou Quezia.

— Eu sei — disse ele, orgulhoso. E estatelou-se na almofada, sorrindo.

Maria sentou-se, cuidadosamente. Era tudo tão diferente de sua casa. Esfor-

çava-se para não fazer nada de errado em frente àquelas pessoas. Mas nunca tinha comido numa mesa de mármore, muito menos sido servida por servos. Ou será que eram escravos?

Lançou um olhar à mulher que trazia os pratos. Não pareciam escravos: não eram estrangeiros e quando falavam percebia-se que não tinham sotaque. Devem ser pessoas daqui mesmo — pensou — contratadas para o trabalho doméstico. Isso fê-la sentir-se um pouco mais à vontade.

Não conhecia a comida de vários dos pratos servidos. Havia uma tigela com uma espécie de queijo branco, com listas vermelhas, e uma outra com verduras verde-escuras e salgadas e uma fruta que ela não conhecia. Seriam... impuros? Será que ela os podia comer?

«Bem», pensou, «se estas pessoas foram a Jerusalém, então devem seguir a Lei.»

— Quezia disse-nos que o teu pai é o Natan, da peixaria à beira do lago — disse o pai da menina a Maria. — Já lhe comprei peixe e devo dizer que a sua honestidade e a qualidade do peixe são raros nesse tipo de comércio. Conheço vários peixeiros cujo carácter é meio escorregadio; como os peixes que vendem, receio bem.

— Muito obrigada, senhor — disse Maria. Pensar no pai preocupou-a. E se ele a estivesse a procurar? E se a exposição de tecelagem tivesse terminado mais cedo?

— O meu pai é ourives! — exclamou Quezia, orgulhosa. — Tem uma oficina grande e um monte de artesãos a trabalhar para ele. Olha só para os anéis dele! São da nossa loja.

Então era por isso que ele usava tantos. Isso então não parecia ser vaidade. Ele simplesmente gostava de mostrar às pessoas o seu talento de artesão fora da sua loja. Não queria encontrar coisas dignas de crítica naquela família, e esperava que, se não encontrasse, os seus pais também nada encontrariam.

— Já foste alguma vez à nossa loja? — perguntou o pai de Quezia. — Fica do outro lado da praça do mercado central.

Maria achava que não, mas não tinha a certeza. Os seus pais não compravam jóias de ouro, portanto não teriam um motivo para ir lá.

— Vamos lá juntas, hoje à tarde — disse Quezia. — O pai vai voltar para lá, não vai?

— Sim, mais tarde vou — respondeu ele. — Posso mostrar-te a oficina, onde os ferreiros martelam as folhas de ouro puro e onde são fabricadas as filigranas.

Esta tarde não dava para ela, não ia poder. Se demorasse muito para chegar a casa, certamente seria descoberta.

— Hoje... hoje à tarde, não posso — murmurou. Como odiava ter de o dizer! E como gostaria de conhecer a oficina!

— Bem, fica para outra vez, então — disse o pai de Quezia, encolhendo os ombros. — Esta foi a primeira vez que a tua família foi a Jerusalém?

— Foi — respondeu Maria.

— E o que acharam? Correspondeu às expectativas que tinham? — perguntou a mãe de Quezia.

— Não sei dizer — confessou. — Não tenho a certeza do que esperavam.

— E tu? O que é que esperavas? — E a mãe de Quezia aproximou-se, como se estivesse realmente interessada na sua opinião.

— Eu esperava uma coisa do outro mundo — disse, por fim. — Imaginava que as pedras fossem resplandecentes, como espelhos, que as ruas fossem cobertas de ouro, ou safiras, e pensava que iria desmaiar quando visse o Templo. Mas as ruas eram pavimentadas apenas com pedras e o Templo não tem nada de mágico, apesar de ser enorme.

— Esperavas encontrar a cidade que o profeta Ezequiel descreveu na sua visão — disse o pai de Quezia. — Mas isso era uma promessa do que ainda poderá vir a ser. É isso que são as visões... promessas de Deus.

Visões! Seria como ter sonhos nítidos? — As pessoas ainda têm visões? — perguntou.

— Talvez tenham — respondeu ele. — Não podemos imaginar o que se passa em cada casa.

— Os nossos amigos romanos estavam bem visíveis, em Jerusalém — disse a mãe de Quezia. — E acho que não havia romanos na visão de Ezequiel.

— Amigos? — Maria scandalizou-se ao ouvir chamar os romanos de amigos.

— Ela disse isso a brincar! — disse Omeri. — É o contrário do que ela pensa. — E cruzou os braços, com autoridade.

— Obrigado, Omeri. Mas não acho que te devas candidatar a um cargo de diplomata. — O pai de Quezia sorria, não estava aborrecido. — E, na verdade, há romanos que são nossos amigos. Alguns deles são fregueses da nossa loja e compram belíssimos colares e brincos para as suas esposas. Um homem que faz questão de enfeitar a sua mulher com jóias de ouro não pode ser totalmente mau.

Habituada às arengas da sua família sobre a vaidade — sem mencionar as diatribes contra os romanos — Maria soltou uma gargalhada. — Sim, seria divertido ir a uma ourivesaria e ser convidada a escolher alguma coisa.

Uma brisa fresca entrou na sala, vinda do pátio aberto. Maria podia ver o lago, do ponto alto em que se encontrava. A casa, na colina, fora projectada para receber os ventos de Verão. Parecia que o vento fazia tocar uma harpa.

— No Inverno, ficamos lá dentro — disse a mãe de Quezia. — Ficamos naqueles quartos pintados de preto e vermelho, que agora são cores que estão na moda, no estrangeiro. Faz os quartos parecerem mais quentinhos e acolhedores. Mas numa época destas, quem vai pensar no Inverno? — O vento voltou a cantarolar, como um suspiro num timbre bem alto.

Era feio, o Inverno, desencadeando tempestades no lago, pondo em perigo os barcos de pesca com os temporais e trazendo a neblina e o frio que entravam em todas as casas. Não, Maria não ia pensar nisso agora. Não em pleno Verão, quando a terra se estende dourada e quente, e o lago é amigável e seguro, cheio de barcos de todos os tamanhos.

— *Maria* é um nome tão bonito — disse o pai de Quezia. — Como se chamam os teus irmãos e irmãs?

Maria é um nome tão banal, pensou ela. Era gentil da parte dele, elogiá-lo. — Tenho dois irmãos. Um chama-se Eli e o outro Samuel. — Mais nomes banais. — O nome da minha mãe é Zebida — acrescentou. Esse era um nome original; era o nome da mãe de um antigo rei de Judá.

— Nunca conheci ninguém que se chamasse Zebida — disse a mãe de Quezia.

— Bem, eu nunca conheci uma Quezia nem um Omeri — disse Maria.

— Quezia é o nome de uma das filhas de Jó — disse a mãe. — Sim, depois de Deus lhe ter devolvido os seus bens. Significa *cássia*, um tipo de tempero. Quando vimos o cabelo vermelho dela, pensámos ambos nesse nome.

— E Omeri? — O que seria que Maria tinha ouvido sobre Omeri? Não era coisa boa.

— Omeri era senhor do reino do norte de Israel — disse o pai. — Foi o pai de Ahab.

Ela sabia! Ele era mau! E Maria controlou-se para não levar a mão à boca, em sinal de espanto.

— Eu sei que dizem que ele foi mau porque, nos dias de hoje, consideram-se maus tudo e todos os do reino do norte — disse o pai de Quezia. — Mas vejamos os factos...

Maria não tinha a certeza de saber ver os factos, mas estava ansiosa por ouvir a história.

— Foi ele quem fundou a grande cidade de Samaria. Era para ser a cidade rival de Jerusalém. Reconquistou territórios perdidos a leste do rio Jordão e conquistou Moabe. Fez as pazes com Judá, pondo fim às guerras constantes entre os países irmãos. Foi um homem de quem devíamos orgulhar-nos e tentar imitar!

— Queríamos que o nosso filho fosse forte e corajoso — disse a mãe de Que-

zia. — Por isso pusemos-lhe o nome de Omeri. Quem conhece os feitos de Omeri, pode compreender. Os outros são ignorantes, idiotas preconceituosos!

Como a minha família, pensou Maria. Eles não gostam das pessoas do reino do norte.

— Sara — disse o marido. — Não exageres. Podem ser ignorantes, mas não devemos chamá-los idiotas.

— Se leres os nossos livros de História, tu mesmo verás como são cegas essas pessoas.

Ela lê livros? Sabe ler?

A mãe de Quezia virou-se para Maria. — Estás a aprender a ler? — perguntou. — Quezia começou a aprender há pouco tempo.

— Não, eu... — *eu quero aprender a ler, é a coisa que mais quero!*

— Gostavas de aprender com a Quezia? As aulas são mais divertidas quando há mais alunos do que professores.

— Sim, vem, por favor! — disse Quezia. — Vais gostar do meu mestre, ele é muito divertido!

Será que podia? Poderia escapar à família e vir para ali aprender a ler? Só de pensar nisso, ficou tonta de excitação.

— São duas vezes por semana — disse Quezia, — na parte da tarde, quando a maioria das pessoas está a descansar.

— Posso... posso pedir... — disse Maria, baixinho. Mas já sabia qual seria a resposta. Nem adiantava pedir.

— E se eu pedir por ti? — disse a mãe de Quezia — Eu podia estender o convite...

— Não! — disse Maria, rapidamente. *Aí, teria de explicar à minha família como os conhecera e todo o resto da história. E a resposta continuaria a ser «não».*

— Eu... eu peço... — disse.

— E como é que comunicamos? — perguntou Quezia. — Deixamos bilhetes na árvore perto do lago? Ah, não podemos... ainda não sabes escrever.

Nesse momento, Maria decidiu, de uma vez por todas, que iria aprender a ler e a escrever fosse como fosse.

— Eu deixo um lenço vermelho se puder vir, e um preto se não puder — disse.

• • •

— POR ONDE ANDASTE TU? — Maria viu a sua mãe aparecer quando entrou no pátio — que agora parecia pequeno.

No caminho para casa, Maria tinha arranjado uma história: após a exposição de tecelagem, tinha ido procurar lã colorida no mercado central, para ver se existia alguma do tipo daquelas que o tecelão mostrara. Não pensara demorar tanto.

E foi o que disse. A sua mãe olhou para ela. — Fui lá no final da exposição e não te vi — disse.

— Saí um pouco antes de terminar porque queria chegar ao mercado antes da multidão — disse Maria.

Zebida concordou, acenando com a cabeça. — É isso mesmo que deves fazer — disse a mãe. — Quando se junta muita gente no mesmo vendedor, ele percebe que vai vender e pode aumentar os preços. E então, claro, já não lhe podes comprar nada. Porque ele aumentou o preço.

— Mas e se o preço, mesmo com o aumento, for razoável? — perguntou Maria. Estava tão aliviada por ter conseguido, aparentemente, esconder a sua excursão secreta, que aceitava alegremente uma discussão sobre vendedores e os seus preços.

— Ainda assim, esse tipo de comportamento não deve ser recompensado — disse a sua mãe.

— Mas o que é que tem de errado? — perguntou Maria. — Se o vendedor vê que há muita gente a querer comprar-lhe, qual é o mal de subir o preço? Assim como se ele vir que ninguém quer as suas mercadorias, também baixa os preços. Já a vi a comprar com os preços muito baixos. Se uma coisa é errada, porque é que a outra não é?

— Não percebes — disse a sua mãe.

Mas Maria sabia que percebia, e muito bem. — Mãe — disse ela — o tecelão vai dar aulas para aprendizes duas vezes por semana...

• • •

O VERÃO PASSOU-SE AGRADAVELMENTE, com dias longos e quentes e noites frescas. O truque de Maria, para as aulas do tecelão, ia funcionando bem, e duas vezes por semana lá ia ela para a casa de Quezia, na colina, directamente das aulas de tecelagem para as de leitura. Os pais de Quezia ficaram tão contentes por ela ter uma companheira de estudo que nem quiseram saber de pagamento. E ela aprendia com avidez; estava sedenta por saber ler como deve ser, para que um novo mundo se abrisse à sua frente.

• • •

FOI NA VÉSPERA DO ROSH HASHANA, do ano novo de 3768, quando ela estava deitada, acordada com a excitação da festa, que ouviu «Maria!», bem baixinho, como se alguém sussurrasse o seu nome do outro lado do quarto. Embora a voz fosse agradável, assustou-a. Sentou-se e olhou para o escuro.

Será que estava a sonhar? Não havia ali ninguém.

*Deve ter sido um sonho*, pensou. *Eu estava a dormir e não sabia*. Mas agora estava bem acordada. E definitivamente acordada quando ouviu de novo a voz: — Maria.

Susteve a respiração. Não se ouvia coisa alguma no quarto: nem respiração, nem ruído.

— Maria. — Agora o som parecia vir de bem perto.

— Sim? — respondeu, em voz baixa.

Mas não houve resposta. E ela não ousou levantar-se.

Com a claridade da manhã, ela olhou em volta do quarto, mas não viu nada. Será que tinha sido só um sonho? Ficou a pensar naquilo a maior parte da manhã e, de repente, perguntou-se se seria isso que acontecera com o profeta Samuel, quando era pequeno. Quando ele morava com o sacerdote Eli, também ouvira uma voz, durante a noite, chamando pelo seu nome, e pensara que tinha sido Eli. Mas, afinal, fora Deus, e Samuel foi ensinado a responder: «Falai, o vosso servo escuta-vos.»

*Se eu ouvir aquela voz de novo, é isso que irei responder*, prometeu Maria a si mesma. Não podia deixar de sentir um toque de alegria por ter sido *escolhida* para alguma coisa.

Naquela noite, nas horas mortas da escuridão total, antes de ouvir o que quer que fosse, estava a dormir profundamente, cansada por não ter dormido bem na noite anterior.

— Maria, Maria — disse uma voz suave de mulher.

Lutando contra o sono, Maria deu a resposta que tinha decorado: — Falai, a vossa serva escuta-vos.

Um sussurro. E depois, bem baixinho: — Maria, esqueceste-te de mim. Não me prestaste a atenção que mereço.

Maria sentou-se, com o coração a bater. O Senhor — o Senhor estava a falar com ela! Como poderia ela responder? Mas o Senhor não sabia tudo, não conhecia as suas fraquezas e as suas faltas? — Eu... — disse ela, esforçando-se para falar, — como pude esquecer-te? — O Dia do Perdão estava próximo; iria Deus denunciar de grande omissão a sua consciência?

— Escondeste-me e não olhaste mais para mim. Essa não é a maneira de me tratares.



O que significaria aquilo? Deus não podia ser escondido, nem visto. — Não estou a compreender.

— Claro que não, pois és uma menina tola. Foste esperta o bastante para reconhecer uma coisa de valor, e suficientemente esperta para a proteger, mas depois, foste ignorante.

A voz era ao mesmo tempo provocadora e branda. Não parecia a voz de Deus, pelo menos da maneira que contavam que falara a Moisés.

— Então, ensina-me, Senhor — disse Maria, com humildade.

— Muito bem — disse a voz. — Amanhã irás olhar para mim novamente, e eu dir-te-ei o que farás. Agora, dorme, minha tolinha. — A voz calou-se e desapareceu.

*Dormir? Como dormir?* Com tristeza, Maria deitou-se de novo na cama. Deus iria puni-la — mas porquê? Devia sentir-se honrada por Deus ter falado com ela, mas ele fora tão reprovador...

— Foste esperta o bastante para reconhecer uma coisa de valor e suficientemente esperta para a proteger... Amanhã irás olhar para mim novamente... Proteger... Olhar... Era impossível.

...

MESMO ANTES QUE A CLARIDADE enchesse o quarto por completo, Maria estremeceu de satisfação com a sua descoberta: era o ídolo de marfim que tinha falado.

Sim, era ela. E isso explicava a voz de mulher e as queixas por ter sido escondida. Porque Maria tinha-a realmente escondido numa caixa, debaixo de um casaco de Inverno — e a caixa *estava* do outro lado do quarto, de onde viera a voz — e depois tinha-a esquecido.

Cuidadosamente, Maria levantou-se da cama e puxou a caixa, metendo a mão por baixo do casaco de lã, procurando o embrulho. Lá estava ele. Pegou nele, trazendo-o para a luz acinzentada da manhã. Desembrulhou-o com cuidado e observou o rosto enigmático da deusa sorridente.

*Como é que me fui esquecer de ti?* Foi o seu primeiro pensamento, para se libertar da culpa.

— Agora, sim. — A voz parecia vir de dentro da sua cabeça. Aquele rosto, fascinante, parecia cada vez mais visível, à medida que clareava a luz do dia. Viam-se as linhas entalhadas no marfim, marcando os cabelos que escorriam pelos seus ombros, os olhos sonhadores, semicerrados, e até o tecido da sua roupa e as jóias simbólicas — tudo, sugerindo o seu poder, mas gentilmente, como uma visão antiga, de um tempo em que as deusas eram poderosas na terra

e controlavam o vento, a chuva, as colheitas, o nascimento e a morte. — Nasci de novo, à luz do Sol.

O belo rosto olhava para Maria.

— Põe-me onde eu possa sentir a luz do Sol. Fiquei enterrada na escuridão demasiado tempo. Enterrada debaixo do chão. Embrulhada, longe da luz.

Obediente, Maria deitou a fina imagem de marfim — pois era bem fina, uma mera escultura num pedaço de dente — aos pés da cama, onde batia um pouco de Sol.

— Ah!... — Maria jurava que ouvira um longo suspiro suave. Olhou de perto, atentamente, observando como a luz do dia revelava os traços delicados da escultura.

Quando o Sol ficou mais forte, o marfim parecia brilhar, absorvendo a própria luz. Mas foi então que Maria ouviu a sua mãe, do lado de fora da porta, e voltou a meter rapidamente a imagem debaixo do casaco de lã, empurrando a caixa para um canto.

— Perdoe-me — disse.

— Muito bem, Maria! — disse a sua mãe, no limiar da porta. — A pé tão cedo? É um bom começo para o ano novo!

• • •

EM BREVE SERIA DE NOITE OUTRA VEZ. Maria estava deitada na cama, olhando para a luz trémula da lamparina que se encontrava num nicho na parede. A chama subia e descia, lançando sombras no tecto branco. Antes, sempre lhe dera segurança; agora, parecia-lhe menos reconfortante.

Não vou sair da cama, disse para si mesma, decidida. Não vou até lá. É só uma peça de marfim, talhada por mãos humanas. Não tem poder algum.

— O meu nome é Asera, minha filha. — Era aquela voz suave.

— Asera — repetia, sussurrando. E Maria ficou a saber o nome do ídolo, e que a imagem desejava ser chamada assim.

Asera. Era um nome bonito, tão bonito quanto a própria escultura. — Asera — repetiu Maria, obediente.

Tremendo de medo, prometeu secretamente a si mesma (pois, certamente Asera não poderia ler os seus pensamentos): *amanhã vou levar o ídolo lá para fora e atirá-lo para a ribanceira. Não, vou levá-lo para a aldeia e atirá-lo para aqueles fornos que há lá. Não, não posso fazer isso, poderia contaminar o pão. Vou levá-lo para... vou até...* E então, adormeceu, tentando pensar num lugar em que houvesse um fogo purificador, definitivo.